



**UNEB-UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- DEPARTAMENTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS IV  
GRADUAÇÃO EM LETRAS VERNÁCULAS**

**ABIGAIL NASCIMENTO DE SOUZA**

**CIRCUITOS ALTERNATIVOS DA LITERATURA NEGRA: DOS  
CADERNOS NEGROS AO BLOG OGUM'S TOQUES NEGROS**

Jacobina- BA

2015

**ABIGAIL NASCIMENTO DE SOUZA**

**CIRCUITOS ALTERNATIVOS DA LITERATURA NEGRA: DOS  
CADERNOS NEGROS AO BLOG OGUM'S TOQUES NEGROS**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Bahia –  
Departamento de Ciências Humana – CAMPUS IV – UNEB,  
como requisito parcial para obtenção do título de Graduação  
em Letras Vernáculas, sob orientação da Profa. Dra. Elizabeth  
Gonzaga de Lima.

Jacobina – BA

2015

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

ABIGAIL NASCIMENTO DE SOUZA

**CIRCUITOS ALTERNATIVOS DA LITERATURA NEGRA: DOS  
CADERNOS NEGROS AO BLOG OGUM'S TOQUES NEGROS**

Monografia apresentada à banca examinadora designada pelo curso de graduação em Letras Vernáculas, Licenciatura pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – *Campus IV*.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizabeth Gonzaga de Lima – UNEB/DCH – Campus IV (Orientadora)

---

Prof.Ms. Ricardo Piera Chacón - UFBA (Examinador)

---

Prof. Ma. Cristian Souza de Sales – UNEB (Examinadora)

JACOBINA- BA  
2015

Dedico este trabalho a dona Carmelina, minha mãe, minha  
nega e minha amiga.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Santíssima Trindade que é um só Deus, por ter me orientado, me dado força e coragem para chegar até aqui.

A minha família, em especial a minha vó e a minha mãe pelas orações e ajuda em todas as formas.

A André, pela paciência e compreensão das ausências.

A minha orientadora, prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizabeth Gonzaga de Lima, por me aceitar como orientanda e por ter me ajudado a concretizar, com muita paciência, esse trabalho.

A professora Bárbara pelas contribuições de natureza técnica.

Aos professores, os quais no decorrer do curso contribuíram para a minha formação.

Aos colegas e amigos adquiridos ao longo do curso, pelo companheirismo e momentos compartilhados.

## RESUMO

O presente trabalho analisa a série **Os Cadernos Negros** (1978-2015) e o blog coletivo **Ogum's Toques Negros** (2012) como circuitos editoriais alternativos de circulação e de publicação da literatura negra. Esta pesquisa procurou entender como esses veículos se tornaram uma alternativa aos meios tradicionais e hegemônicos de publicação, além de examinar a contribuição destes quanto à visibilidade de obras e de escritores negros. Dessa forma, buscou-se investigar como se deu a difusão da literatura negra em nossa sociedade, e assim, compreender como essa literatura se manteve às margens canônicas do sistema literário brasileiro.

**Palavras-chave:** Literatura Negra. Circuitos Alternativos. Publicação.

## **ABSTRACT**

This current work analyzes the **Cadernos Negros** series (1978-2015) and the collective blog **Ogum's Toques Negros** (2012) as alternative editorial circuit circulation and publication of black literature. This research tried to understand how these vehicles have become an alternative to traditional hegemonic media and publishing, in addition to examining the contribution of these about the visibility of works and black writers. In this way, the aim was to investigate how was the dissemination of black literature in our society, and thus to understand how this literature remained the canonical margins of Brazilian literary system.

**Keywords:** Black Literature. Alternative circuits. Publication.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Volume 35- poemas .....	34
<b>Figura 2:</b> Volume 36- contos.....	34
<b>Figura 3:</b> Última postagem no blog – Setembro de 2012 .....	47
<b>Figura 4:</b> Mudança de endereço eletrônico da <b>Ogum's Toques Negros</b> .....	48
<b>Figura 5:</b> Tentativa de acesso ao novo endereço do <b>Ogum's Toques</b> .....	48
<b>Figura 6:</b> Post do blog <b>Ogum's Toques Negros</b> em contestação a ação da Marinha no Quilombo Rio dos Macacos.....	51
<b>Figura 7:</b> Página do facebook do grupo coletivo <b>Ogum's Toques Negros</b> .....	52
<b>Figura 8:</b> Espécie de fórum em torno da continuação da página do facebook. ....	53
<b>Figura 9:</b> Comentário de Ricardo Riso em torno da valorização dos autores negros pelo <b>Ogum's Toques</b> . ....	53
<b>Figura 10:</b> Comentário de Luana Soares: visibilidade da literatura negra e de autores negros, valorização da ancestralidade, das imagens, dos fotógrafos negros. ....	54
<b>Figura 11:</b> União da palavra à imagem: Valorização da presença de Luís Gama e da ancestralidade em Zumbi. ....	55
<b>Figura 12:</b> Divulgação do I Seminário ÁFRICAS & NEGRITUDES: vozes, escritas, epistemes & (est)éticas em multiplicação e II Semana Literária Internacional Ogum's Toques. ....	55
<b>Figura 13:</b> A coletânea impressa <b>Ogum's Toques Negros</b> , 1ª edição.....	56

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA À MARGEM DO CÂNONE NACIONAL ...</b>	<b>13</b>
1.1. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E LITERATURA NEGRA: SENTIDOS E POLÊMICAS .....	14
1.2. QUESTÕES IDENTITÁRIAS DA LITERATURA NEGRA.....	19
1.3. SUBVERSÃO E RESISTÊNCIA LITERÁRIA NA LITERATURA NEGRA .....	25
<b>2. CIRCUITOS ALTERNATIVOS DE PUBLICAÇÃO DA LITERATURA NEGRA.</b>	<b>31</b>
2.1. CADERNOS NEGROS: O PRECURSOR .....	31
2.2. BLOG: ESPAÇO VIRTUAL DA LITERATURA NEGRA .....	40
2.3. O BLOG OGUM'S TOQUES NEGROS.....	45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>

## INTRODUÇÃO

Não! Não! Não! Não transporás os pórticos milenários da vasta edificação do mundo, porque atrás de ti e adiante de ti não sei quantas gerações foram acumulando, pedra sobre pedra, pedra sobre pedra, que para aí estás agora o verdadeiro emparedado de uma raça. Se caminhares para a direita baterás e esbarrarás, ansioso, aflito, numa parede horrendamente incomensurável de Egoísmos e Preconceitos! Se caminhares para a esquerda, outra parede, de Ciências e Críticas, mais alta do que a primeira, te mergulhará profundamente no espanto! Se caminhares para a frente, ainda nova parede, feita de Despeitos e Impotências, tremenda, de granito, bruscamente se elevará ao alto! Se caminhares, enfim, para trás, ah! Ainda, uma derradeira parede, fechando tudo, fechando tudo - horrível - parede de Imbecilidade e Ignorância, te deixará num frio espasmo de terror absoluto...

E, mais pedras, mais pedras se sobreporão às pedras já acumuladas, mais pedras, mais pedras... Pedras destas odiosas, caricatas e fatigantes Civilizações e Sociedades... Mais pedras, mais pedras! E as estranhas paredes hão de subir longas, negras, terríficas! Hão de subir, subir, subir, mudas, silenciosas, até as Estrelas, deixando-te para sempre perdidamente alucinado e emparedado dentro do teu Sonho... (CRUZ E SOUZA, p. 672, 1995.)

O cânone da literatura brasileira silenciou, ao longo de sua história, as vozes dos escritores negros. Circunstância que contribuiu para impedir a afirmação de uma identidade literária negra ou afro-brasileira e, conseqüentemente, o reconhecimento de uma literatura negra e de seus autores, ainda que tenha sido reivindicada a legitimação crítica desta literatura por pesquisadores, como Zilá Bernd (1992,2007), Maria Nazareth Fonseca (2006), Eduardo de Assis Duarte (2008), entre outros. Estudiosos unidos aos movimentos negros têm criticado a marginalização desta produção literária no mercado editorial brasileiro. Por sua vez, os escritores negros vêm divulgando esta produção literária numa sociedade excludente e hegemônica, subvertendo o discurso oficial e driblando as dificuldades que envolvem a publicação. Mas como proceder diante do distanciamento do cânone literário e da condição marginalizada imposta a essa literatura?

Sabe-se que o mercado editorial de publicação no Brasil é restrito e elitista em virtude de privilegiar a produção canônica. Neste cenário, os autores negros enfrentam muito mais obstáculos, seja pelo preconceito sofrido ou pela não aceitação da emergente literatura negra. E mesmo que seja notável um crescimento em relação ao número de escritores negros e de obras produzidas na área, percebemos também, que estes autores permanecem fora do circuito oficial do mercado editorial fazendo com o que se tornem invisíveis ao público. Sendo assim,

como forma de divulgação dos seus escritos, autoras e autores negros vêm se reunindo e fazendo circular as suas produções em espaços alternativos. Os quais permitem ao escritor negro a visibilidade, a publicação e divulgação das suas obras sem que seja necessário passar pela aprovação da crítica oficial.

O espaço de alguns jornais, as antologias produzidas pelos próprios autores, os blogs e as redes sociais, na atualidade, são exemplos do que denominamos de circuitos alternativos de publicação da literatura negra, pois, cada um desses veículos, contribui para que a produção literária afrodescendente circule, mesmo que de maneira restrita. Nesta pesquisa analisaremos como exemplo destes espaços alternativos a série **Os Cadernos Negros**, em seu formato impresso, e o blog **coletivo Ogum's Toques Negros** pelo seu caráter virtual.

Ao observar a difusão e o crescimento da literatura negra na atualidade, surgiu a inquietação de compreender como essa propagação ocorreu, uma vez que essa literatura se encontrou por tanto tempo em condição marginalizada em nossa sociedade. Como esta literatura foi difundida? Objetivamos com essa pesquisa investigar os meios alternativos nos quais circulam a literatura negra e analisar como esses veículos se tornaram espaço editorial de circulação dessa literatura. Busca-se ainda, evidenciar a importância e a contribuição destes circuitos alternativos para o reconhecimento e visibilidade da produção literária afrodescendente, assim como para autores negros.

Percebe-se uma escalada crescente em relação ao número de pesquisas e estudos acadêmicos em relação à literatura negra. O presente trabalho vem, por isso, contribuir para os estudos sobre a importância dos circuitos alternativos da literatura negra, uma vez que, poucos estudos sobre este tema são desenvolvidos.

A metodologia utilizada para a pesquisa foi a bibliográfica. Porém, outros procedimentos metodológicos foram necessários para essa realização, como a análise e pesquisa por meio de materiais disponíveis na internet – ensaios, artigos, resenhas, entrevistas e notícias - visto que o meio virtual, tanto para o coletivo **Ogum's Toques Negros**, quanto para a série **Cadernos Negros** tem se tornado além de um suporte significativo de divulgação para ambos, um espaço de discussão e de publicação para escritores, estudiosos e pesquisadores da literatura negra, constituindo, dessa forma, um vasto acervo material voltado à cultura, à produção literária, ao público afrodescendente e aos interessados por esta literatura.

A presente pesquisa está dividida em dois capítulos. No primeiro capítulo, **Literatura Afro-Brasileira à Margem do Cânone Nacional**, procuramos tecer uma análise em torno da problemática em relação à marginalização da literatura negra diante do cânone nacional, em virtude das discussões sobre a legitimidade dessa literatura. Há de fato uma literatura negra ou afro-brasileira? Utilizamos como referência os estudos sobre a constituição dessa literatura das pesquisadoras Zilá Bernd (1992,2007) e Maria de Nazareth Fonseca (2006) para suscitar algumas polêmicas em torno da não aceitação canônica desta produção, assim como das polêmicas e sentidos que envolvem a terminologia para esta literatura feita pelos afrodescendentes aqui no Brasil: literatura negra, afrodescendente, afro-brasileira?

Outro fator concernente ao negro no âmbito da literatura brasileira é a questão da identidade. Por que há distinção entre as literaturas negra e brasileira? Se a literatura colabora para a construção de identidades, como entender a identidade do escritor afro-brasileiro? Autores negros resistiram e subverteram a opressão do branco em virtude da representação estereotipada e “brancocêntrica” imposta aos negros no âmbito da literatura brasileira. Para a discussão sobre identidade utilizamos como referência Stuart Hall (2003), e os estudos de Zilá Bernd (1988,1990) para entendermos como esta identidade é afirmada, representada, (re)construída como fator de resistência e subversão dentro da literatura negra.

No segundo capítulo, intitulado **Circuitos Alternativos de Publicação da Literatura Negra**, procuramos estabelecer uma análise de dois suportes de publicação, os quais, a nosso ver, estabeleceram uma grande significância quanto à divulgação da literatura negra, assim como para visibilidade da obra e do autor negro, são eles: a série paulistana **Os Cadernos Negros** e o blog coletivo baiano **Ogum's Toques Negros**. Para embasar essa análise usamos como referência Domício Proença Filho (2004), Cristian Sales (2010), Duarte (2004), Bruno Rodrigues (2014). Procuramos nesse segundo capítulo entender como ambos os veículos se articularam e vem se articulando para contornar as barreiras concernentes à divulgação do conteúdo literário afro-brasileiro, pois, além do caráter de denúncia aos preconceitos sofridos pela população negra, esses veículos editoriais vêm se configurando como meio questionador e que se sobressaem à hegemonia canônica na cena literária brasileira.

Visamos investigar, ainda, de que modo a literatura vem sendo disseminada nos moldes virtuais, os quais vem revolucionando o cenário literário, pois permitem,

não apenas a divulgação do conteúdo literário em massa através de um alcance mundial e instantâneo, mas também dos agentes dessa produção. Sendo assim, procuramos analisar esses espaços como alternativa à publicação impressa. Para tal, usamos como referência estudiosos como Ítalo Moriconi (2006), Marciano Lopes e Silva (2010), Santos, Rodrigues e Ferreira (2014) e Livia Maria Natália de Souza (2011).

## **1. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA À MARGEM DO CÂNONE NACIONAL**

A literatura afro-brasileira é um conceito em construção, segundo afirmação de Eduardo de Assis Duarte (2008). Pode-se dizer que essa construção não ocorre somente no conceito, na denominação, mas no desenvolvimento de sua estrutura, pela qual passa desde a década de 1930, quando alguns autores, a exemplo de Lino Guedes e Oswald de Camargo, iniciaram a luta por uma literatura que representasse a voz negra. Na década de 1970, esse movimento ganha força por meio de movimentos negros militantes, até os dias atuais em que vem ganhando espaço e visibilidade.

A produção afrodescendente foi deixada à margem do cânone literário nacional e o negro teve a sua voz silenciada na historiografia literária brasileira. Podemos afirmar que a exclusão do negro não foi apenas literária, mas ocorreu em vários âmbitos da sociedade, em virtude dos efeitos do escravismo e de uma concepção histórica idealizada e maniqueísta dos poderes oficiais. A sacralização do modelo racial europeu fez com o que o negro não tivesse um reconhecimento identitário no Brasil, pois sua história foi narrada (ou invisibilizada) hegemonicamente pelo branco. Em função desses e de outros aspectos, o espaço para o negro no âmbito da literatura brasileira é restrito e pouco representativo.

Por isso, a emergência da literatura afro-brasileira, foi de extrema importância para a representação do povo negro. Esta literatura configura-se como uma arte e meio de expressão, pela qual o negro visa não apenas a quebra do preconceito, da desigualdade e da discriminação, mas de elevação do sujeito, ou seja, o negro encontra na literatura afro-brasileira um meio independente de legitimar o seu discurso, uma arma de luta por reconhecimento, um meio de afirmação da sua identidade, resistência e subversão.

## 1.1. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E LITERATURA NEGRA: SENTIDOS E POLÊMICAS

Ao tratar da literatura produzida no Brasil por descendentes de africanos, costuma-se usar os seguintes termos: literatura afro-brasileira (afrodescendente) ou literatura negra. Em se tratando de uma produção literária feita em nosso país não deveria ser designada por literatura brasileira? Muitos são os fatos a serem questionados e estudados, e essa questão somada ao uso dos termos citados anteriormente, faz parte de uma grande discussão em nossa literatura, principalmente nos meios acadêmicos.

Nota-se a presença de grandes produções com temática negra no meio literário, mas notamos também que essas produções não são reconhecidas ou são insuficientes perante o cânone, o qual:

[...] agrega em si um sistema de valores. Em sua etimologia, o termo cânone, que vem o grego *kanón*, compreendia uma regra, um modelo ou norma representada por uma obra ou um poeta. Semelhantemente, a Igreja utilizou este termo para designar uma lista de santos e também uma seleção de livros reconhecidos como dignos de autoridade. Ou seja, as origens do termo estão fundamentadas em um processo de exclusões. (JACOMEL, 2008, p.112)

O cânone da literatura brasileira foi constituído ao longo dos séculos, construindo assim uma historiografia literária excludente, tornando-se “um instrumento de repressão e discriminação a serviço de interesses dominantes, do poder branco e masculino e de uma ideologia de contornos patriarcais, racistas e imperialistas” (DUARTE, 2010). O cânone pondo-se a favor das classes dominantes e priorizando um padrão ideal hegemônico levou alguns grupos sociais à marginalização, como no caso dos negros, os quais foram excluídos, inferiorizados e estereotipados. Porém, os negros não se intimidaram com a situação imposta e buscaram na literatura – mesmo que não reconhecida pelo cânone – uma forma de resistência e luta contra a ordem repressora.

A literatura negra enfrenta atualmente a polêmica da não aceitação canônica acerca dessa designação da produção literária elaborada por negros no Brasil. Os termos “negro” e “afro” são como brasa na língua, pois é necessário sempre certo

cuidado ao serem mencionados, uma vez que pela densidade e a carga negativa que o negro sofreu historicamente, corremos o risco de cairmos ou fazermos o jogo do preconceito impregnado na sociedade brasileira. Nesse sentido, o que deveria ser arte e meio de expressão, que busca não somente romper com a desigualdade e a discriminação, mas pretende a elevação cultural e valorização do sujeito, torna-se alvo do preconceito que se visa quebrar. Diante disso, é necessário considerar a observação de Eduardo de Assis Duarte (2008), que entende essa literatura como um “conceito em construção”, repleto de sentidos, polêmicas e ideologias.

Se a literatura feita pelos negros em nosso país não tem sido reconhecida como brasileira, várias denominações passaram a ser consideradas, tais como, literatura negra, afrodescendente, afro-brasileira, negra-brasileira. Porém cada uma delas depende da conotação, do sentido, da intencionalidade, da força que eventualmente venham a ser conferidas a esta literatura.

Partimos inicialmente do conceito de literatura negra, a qual Ironides Rodrigues em depoimento à Luiza Lobo tenta enunciar como sendo:

[...] aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, da forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (*Apud* LOBO, 2007, p. 266).

Nessa perspectiva, literatura negra é aquela feita pelo autor negro, uma produção proveniente do sujeito que se afirma negro, vítima que sofreu e sofre na pele (negra), literalmente, os problemas advindos de sua cor, em função dos preconceitos de uma sociedade racista. Eis que surge mais um questionamento: caso um branco escreva sobre o negro, não seria considerado o seu escrito como literatura negra ou afro-brasileira?

Em “A Trajetória do Negro na Literatura Brasileira”, Domício Proença Filho (2004) narra a luta do negro antes e depois de sua suposta visibilidade na Literatura brasileira. O estudioso menciona a condição do negro em meados do final do século XIX, no ainda período romântico e, tratado sob este ângulo: o negro como objeto, como personagem e em uma perspectiva distante, sob o olhar do branco que muitas vezes assim o representou para atender aos critérios canônicos da literatura brasileira. Neste período havia uma luta pela abolição da escravidão, porém nos escritos abolicionistas dessa época, o negro era visto como vítima, em condição desumana, como se fosse um bicho acorrentado, a espera da piedosa permissão de liberdade cedida pelo seu senhor; denotando assim uma visão estereotipada.

Dessa forma, tínhamos uma escrita sobre o negro e não uma escrita feita pelo negro, sendo esta caracterizada por Conceição Evaristo como “escrevivência”, ou seja, o que se tinha era alguém escrevendo pelo negro, ou um autor negro que em sua escrita, deixava transparecer uma perspectiva branca, e não uma escrita dotada da experiência, da vivência, da escrita dita e testemunhada por quem vivenciou na pele não o açoite do chicote, mas as consequências da escravidão histórica, as quais ainda permeiam a atualidade: o preconceito, o racismo e a discriminação.

Pode-se citar no contexto dessa visão distanciada, o poeta do período romântico, Castro Alves, que em algumas das suas obras, as quais deveriam servir de arma a favor da abolição da escravatura, reduz ao negro à sua condição histórica de escravo, ou seja, mesmo indo contra a escravidão, o conhecido “poeta dos escravos”, se deixa levar pelos acontecimentos históricos à época, como mesmo afirma Proença Filho (2004, p. 164):

Estamos diante de uma poesia que não foge à tônica do seu tempo, necessário dizê-lo. Apesar do seu empenho consciente e do seu entusiasmo, o poeta não consegue livrar-se, nos seus textos, das marcas profundas de uma formação desenvolvida no bojo de uma cultura escravista. O que move a sua indignação é, sobretudo, o sofrimento do negro, que ele vê como ser humano, e mais a necessidade de a nação livrar-se da mancha da escravidão.

Em um dos seus poemas mais conhecidos, “O navio Negreiro”, o poeta relata sua revolta diante da crueldade do tráfico de escravizados, estes, por sua vez, resignados, não se revoltam, contudo reagem pedindo ajuda como bons sofredores. Não há menção ao herói quilombola Zumbi dos Palmares, mas sim aos “heróis” do Novo Mundo (Andrada, Colombo). O escritor também não consegue se desvencilhar dos estereótipos, reforçando a visão do negro como objeto:

[...]  
Tinir de ferros... estalar de açoite...  
Legiões de homens negros como a noite,  
Horrendos a dançar...  
Negras mulheres, suspendendo as tetas  
Magras crianças, cujas bocas pretas  
Rega o sangue das mães.  
[...]  
Levantai-vos, heróis do novo mundo!  
Andrada! Arranca! Esse pendão dos ares!  
Colombo! Fecha a porta dos teus mares!  
(ALVES, C. 1997, p. 280, 283)

A trajetória do negro na literatura brasileira ganha nova nuança com Luís Gama (1850-1882). Zilá Bernd (1992) cita as *Primeiras trovas burlucas* do poeta como

“um verdadeiro divisor de águas na Literatura Brasileira” (1992, p.17). Proença Filho (2004) o destaca como um dos precursores, tal como Lima Barreto e Abdias do Nascimento, de uma literatura libertadora que vem defender a causa negra, não reduzindo o negro à própria cor ou a sua condição de escravizado, mas tratando da marginalização do negro como causa social, vítima do contexto histórico. Luís Gama transforma o negro em dono do seu próprio discurso, tirando-o da condição de objeto e colocando-o como sujeito de sua história. É ele (o negro), quem narra sua luta, quem valoriza sua dor, quem busca destruir os grilhões e correntes não da sua história, mas da marginalização imposta, quem argumenta e afirma a sua identidade, quem ostenta o orgulho do pertencimento do seu povo, da sua origem e da sua cultura:

Quero que o mundo me encarando veja  
Um retumbante Orfeu de carapinha,  
[...]  
Nem eu próprio a festança escaparei;  
Como foros de Africano fidalgo  
Montado num Barão com ar de zote –  
Ao rufo do tambor e dos zabumbas,  
Ao som de mil aplausos retumbantes,  
Entre os netos da Ginga, meus parentes,  
Pulando de prazer e de contentes –  
Nas danças entrarei cl'altas caimbas  
(GAMA, 1944, p. 20)

Muitos estudiosos defendem que o fato do branco não ter sofrido as experiências histórico/cultural-escravista apresentaria um ponto de vista diferenciado do escritor negro. Seria como se este, por ser possuidor de uma tez branca, tomasse, ao falar do negro, uma posição distante, de observador. Eduardo de Assis Duarte questionado por Tory Oliveira, em *Carta Escola*, sobre a condição da literatura afro-brasileira, se “é caracterizada pelo autor ou pela temática,” responde que é caracterizada por ambos, porém:

[...] nem o autor nem a temática são suficientes. Porque há, por exemplo, autores brancos que falam do negro a partir de uma -perspectiva dominante, europeia. E, muitas vezes, o negro é colocado como uma figura folclórica ou apenas como o tema. É preciso uma articulação entre autoria e temática e, subjacente a ambas, o ponto de vista identificado com a afrodescendência, ou seja, com a visão de mundo do negro. Quando você tem um ponto de vista afro identificado, isso interfere na linguagem, e a linguagem dessa literatura surge despida dos estereótipos e dos valores disseminados pelo o que a gente chama de “branquitude” hegemônica. Essa conjunção de autoria, temática, ponto de vista e linguagem – todos eles fundados no ser e no existir do negro – visa atingir um quinto elemento dessa construção cultural, que é a formação de um público receptor afrodescendente. Só a partir dessas cinco instâncias é possível falar de

uma literatura afro-brasileira ou negra na plenitude do termo. (DUARTE, 2012)

O estudioso afirma que a autoria, a temática, o ponto de vista, a linguagem e o público receptor são elementos caracterizadores da literatura afrodescendente. A autoria sozinha não o faria, pois o escrevente (branco) o colocaria de forma europeizada, no entanto, o negro também não o poderia fazer? Ao colocar um público receptor (e específico) afrodescendente, Duarte está particularizando e distinguindo o público receptor. Certo que para um público “afro” a identificação referente à cultura e ideologia seria maior, talvez até mais significativa, mas será que se faz necessário possuir pele negra e descender de africanos para, além de escrever, apreciar e conferir sentido a produção dessa literatura?

Seja “literatura negra” ou “literatura afrodescendente ou afro-brasileira”, o fato é que tais termos caracterizam uma particularização da produção artístico-literária e “que nunca [vão] agradar a todos nem dar conta da dimensão integral de um autor ou de uma obra” de acordo com Zilá Bernd (2007). Segundo Maria de Nazaré Fonseca (2006):

[...] Ambos os termos são vistos como excludentes, porque particularizam questões que deveriam ser discutidas levando-se em consideração a cultura do povo de um modo geral e não apenas as suas particularidades [...] numa opinião contrária, outros teóricos reconhecem que a particularização é necessária, pois quando se adota o uso de termos abrangentes, os complexos conflitos de uma dada cultura ficam aparentemente nivelados e acabam sendo minimizados. [...] É importante ressaltar que o poder de escolha está nas mãos de grupos sociais privilegiados e/ou especialistas os críticos. São eles que acabam por decidir que autores devem ser lidos e que textos devem fazer parte dos programas escolares de literatura. (FONSECA, 2006, p. 12).

Nota-se, portanto, que a luta não é apenas para o termo adequar-se à literatura feita pelos negros no Brasil, mas também pelo lugar dessa produção no cânone literário. Sabemos que o que está no cânone é eleito por uma crítica de perfil definido, masculino e branco. Dessa forma faz-se necessário questionar o porquê da produção dos autores negros que defendem a causa negra, não serem reconhecidas. Por que são deixados à margem do cânone? Estando à margem do cânone por onde circulam?

Nazareth Fonseca (2006) afirma que muitos autores rejeitavam as expressões particularizadoras por medo de terem suas produções aprisionadas e rotuladas. Outros, como forma de assumir e afirmar a sua identidade os negros e

descendentes, aderiram a movimentos os quais davam visibilidade à sua produção literária e “dizem respeito aos valores de um segmento social que luta contra a exclusão imposta pela sociedade” (Fonseca, 2006, p.13).

Quanto à terminologia, literatura afro-brasileira, o termo “afro” é relativo à África, que incorporado ao termo “brasileira” torna-se resultado da junção entre África e Brasil. Sendo assim, podemos dizer de algo que nasce no Brasil, mas que tem origem africana, fazendo com que duas culturas unidas tornem-se únicas. Atualmente, dentre tantas polêmicas e discussões quanto à terminologia defendida como a mais adequada para a definição da literatura produzida por negros ou descendentes no Brasil, os autores que defendem o termo “literatura afro-brasileira”, o fazem, em virtude do termo, abarcar, segundo eles, a cultura brasileira em uma dimensão total. Por sua vez, os defensores do termo “literatura negra”, dizem que essa denominação possui uma carga de resistência maior que a terminologia “afro-brasileira”.

Seja a literatura negra, afro, mestiça, preta produzida aqui em nosso país, ou quantas outras definições que se queiram dar a mesma, nunca se encontrará o termo adequado enquanto o homem, autor dessa literatura, se deixar levar pelo preconceito arraigado.

## 1.2. QUESTÕES IDENTITÁRIAS DA LITERATURA NEGRA

Além da polêmica que circula em torno da designação apropriada ao conjunto de produções literárias feitas por autores negros ou mestiços no Brasil, a literatura de origem negra também é colocada em questão no que se refere à ideia e a questões concernentes à identidade.

Quando se pensa em termos de literatura brasileira entende-se que ela deveria estar unificada em laços étnicos, raciais, de gênero e de identidade. Mas, por que negros, mulheres e homossexuais, por exemplo, não têm visibilidade nessa literatura? Já que essa unificação e igualdade, supostamente existem, por que se tem sempre de manter uma constante de diferença e de luta por espaço e reconhecimento?

Sabemos que a literatura é uma representação que colabora para a construção de identidades, de maneira a reafirmar ou desconstruir tais identidades. No caso do

negro, mesmo com o discurso pejorativo da ordem oficial, essa literatura foi um meio utilizado para a sua afirmação e reafirmação enquanto sujeito, trazendo questões ligadas a seu reconhecimento identitário, existencial, étnico, cultural e racial, sem que seja necessário recorrer às amarras dos estereótipos e da condição inferiorizante de outrora, rejeitando a identidade estereotipada a ele atribuída, visando a construção e o reconhecimento de sua identidade. Assim, a literatura negra configura-se como espaço próprio, estabelecendo uma luta contra o preconceito e a discriminação, descentralizando o caráter eurocêntrico, contribuindo, não para outro imaginário cultural e literário, mas para a sua autoafirmação e para a construção do pertencimento. Nesse processo é preciso reconhecer-se, afirmar-se e ter o sentimento de pertencimento ao segmento negro, fazendo necessário um vínculo de afro-identificação com as marcas (reais) culturais. Nisso, essa literatura, é aquela produzida pelo “ser” que se “afirma e se quer negro,” em um pacto político e existencial.

O processo de construção de uma identidade negra no Brasil está intrinsecamente ligado, segundo a perspectiva de Hall (2003) sobre identidade, ao processo histórico de dominação pelos colonizadores:

Entre nós, a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo dizimados pelo trabalho pesado e a doença (HALL, 2003, p. 30).

Eduardo de Assis Duarte em “Literatura e Afro-descendência” (2004), demonstra que esse processo de afirmação do negro na literatura ocorre também, por meio do caráter político-histórico e de vinculação na assunção da identidade e da origem, dessa forma o negro não seria colocado sob o olhar preconceituoso e nem passaria pelo processo de mitificação. O negro teria uma literatura própria voltada, não para a sua condição de escravizado sem liberdade e sofredor por isto, mas para as suas raízes ancestrais, para a sua descendência africana valorizando a sua cultura, aceitando as suas origens. No poema “Sou negro” de Solano Trindade isso fica explícito, uma vez que o “eu” enunciativo afirma-se desde o título do poema, em sua ancestralidade africana, trazendo traços do período escravista, tal como elementos da cultura negra:

Sou Negro  
Meus avós foram queimados

pelo sol da África  
 minh'alma recebeu o batismo dos tambores  
 atabaques, gonguês e agogôs

Contaram-me que meus avós  
 vieram de Loanda  
 como mercadoria de baixo preço  
 plantaram cana pro senhor do engenho novo  
 e fundaram o primeiro Maracatu.

Depois meu avô brigou como um danado  
 nas terras de Zumbi  
 Era valente como quê  
 Na capoeira ou na faca  
 escreveu não leu  
 o pau comeu  
 Não foi um pai João  
 humilde e manso

Mesmo vovó não foi de brincadeira  
 Na guerra dos Malês  
 ela se destacou

Na minh'alma ficou  
 o samba  
 o batuque  
 o bamboleio  
 e o desejo de libertação.  
 (TRINDADE, 2008, p.42).

No poema “Quem sou eu?” Luís Gama utiliza-se do direito à diferença, deixando a percepção da divisão social de classes e raças – de uma literatura canônica– (como nos versos: “Bodes negros, bodes brancos, [...] uns plebeus e outros nobres”), sendo assim, ele tem na literatura negra uma maneira de afastamento do olhar preconceituoso e racista que possivelmente o negro sofreria se houvesse uma junção à literatura brasileira, uma vez que o autor se priva da literatura voltada apenas para a questão racial (cor) e histórica do negro, dando o pontapé à literatura voltada para a afirmação, instigando a formação de uma identidade:

Hão de chamar-me Tarelo  
 Bode, negro, Mongibelo; [...]  
 Se negro sou, ou se sou bode,  
 Pouco importa. O que isto pode?  
 Bodes há de toda casta, [...]  
 Há cinzentos, há rajados, [...]  
 Bodes negros, bodes brancos,  
 E sejamos todos francos,  
 Uns plebeus e outros nobres.  
 (CAMARGO, 1986, p.12-15)

No livro *identidade e diferença*, organizado por Tomaz Silva (2011), o autor discute acerca da produção social da identidade e da diferença. A identidade em uma primeira perspectiva é tudo o que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”; a identidade assim é vista como algo independente, autocontida e autossuficiente. Da mesma forma, a diferença também é entendida, porém diferente da identidade, é “aquilo que o outro é”: “ela é portuguesa”, “ela é branca”. Não seria possível a construção de identidade distinta em um meio homogêneo, visto que se assim fosse, todos seriam iguais e, portanto, não existiria a diferença. Essa observação nos leva à compreensão de que é por meio das diferenças, que surge a necessidade de definição, de distinção. Pode-se dizer que “diferença” e “identidade” estabelecem uma relação dicotômica, pois nessa realidade, são conceitos dependentes, uma vez que para afirmar uma identidade é o mesmo que se dizer diferente dos demais, ou seja, ao mesmo tempo em que se afirma ser brasileiro, se nega o pertencimento a outra nacionalidade, sendo assim “em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido” (SILVA, 2011, p. 75).

A identidade e a diferença são ainda entendidas como relação social e sendo assim, a definição “está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (SILVA, 2011, p. 81). Em um meio heterogêneo, há sempre o “maior” e o “menor,” o “dominante” e o “dominador”. A literatura brasileira “elitizada” rasurou a figura do negro, colocando-o em uma posição inferior, estereotipada e, sobretudo, desvalorizou as produções literárias desenvolvidas por ele. Sob essa perspectiva de exclusão identitária, Tomaz Silva comenta:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir [...] A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído [...] Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. (SILVA, T., 2011, p. 82):

O ato de excluir permanece na atualidade, visto que a sociedade ainda tenta colocar o negro em “seu lugar”, como se esse estivesse em um lugar inapropriado. Essa ideia passa a mudar quando o indivíduo negro busca a autoconscientização e

exaltação da sua identidade. Cuti, poeta negro, observa este aspecto quando exalta o fenótipo negro, ao mesmo tempo em que afirma a enunciação negra:

“Sou negro  
 Negro sou sem mas ou reticências.  
 Negro e pronto!  
 [...] Negro no ódio com que retranco  
 Negro no meu riso branco  
 Negro no meu pranto  
 Negro e pronto!  
 Beijo  
 Pixaim  
 Abas largas meu nariz  
 Tudo isso sim  
 Negro e pronto!”  
 (In: FONSECA, 2011, p. 266)

Zilá Bernd (1990) na *Antologia Poesia Negra Brasileira* analisa poemas que apresentam traços da denominada literatura de resistência, os quais trouxeram outra imagem do negro, sendo esta livre dos estereótipos de outrora. Nazareth Fonseca (2006) também analisa essa imagem em alguns poemas, tais como: “Quem sou eu” de Luís Gama nele o negro é sujeito de virtudes; em o “Canto de Palmares” de Solano Trindade são cantados os feitos dos quilombolas, os quais os tiram da condição marginalizada e os colocam como heróis; “Dionísio esfacelado,” de Domício Proença reforça a luta pela constituição da identidade através da escrita da epopeia dos Quilombos dos Palmares e ainda em “Compor, decompor, recompor” Mirian Alves intenciona denunciar, provocar e conscientizar o leitor.

Bernd (1988) afirma que a poesia [produção de forma geral] negra é regida por leis atuantes de um programa de lutas referentes à rejeição da identidade estereotipada e atribuída, além de fazer do indivíduo negro dono de suas escolhas. A primeira dentre essas leis é a *emergência do eu enunciador*, na qual o negro não almeja somente o reconhecimento, mas busca um espaço próprio no qual ele se torna sujeito da enunciação saindo da condição de objeto. A autora baseia-se em Mucchielli (1986) ao trazer a ideia de identidade comunitária, quando o *eu* apega-se ao (*nós*) coletivo, ou seja, traz o sentimento de pertencimento ao segmento que se busca reconhecimento, afirmação identitária. Na recepção dessa enunciação a estudiosa traz outro elemento: (o *tu*) o leitor “cuja adesão determinará a ampliação e a afirmação do grupo negro bem como a vitória de sua luta contra todas as formas de preconceito e discriminação.” (BERND, 1988, p. 79).

A segunda lei elencada por Bernd (1988) é a construção da epopeia negra, a qual parte das construções de mitos e epopeias negras, as quais terão o papel

reconstrutor da consciência negra, e nas quais será exaltado e sobressairá o quilombola marginalizado. A configuração do que a autora vai chamar de “antiépica negra,” tem como fator de definição a ação transgressora, trazendo em suma a marginalidade em meio aos fatos do cotidiano narrados nessas epopeias.

A terceira lei é a *reversão dos valores*, marca encontrada na negritude, movimento citado pela estudiosa, pela busca de consciência negra e de identidade permanente negra. Essa ideia de reversão pauta-se no tornar positivo o que se mostrou negativo, alicerçando-se na “ideia de desconstrução, de demolição de “verdades” que negam o negro, buscando substituí-las por outras que, ao contrário, afirmam e exaltam sua condição humana.” (BERND, 1988, p.86) Dessa forma, o “ser” negro no “mundo dos brancos”, pretende a conscientização, o recriar-se e o reconstruir-se diante das simbologias negativas a ele atribuídas, a começar pela própria acepção de *negro*. O movimento da Negritude, a partir desse termo, propôs a valorização e a ressignificação da conotação dessa palavra.

Por fim, a última e quarta lei é a *nova ordem simbólica*, na qual haverá uma “troca” de simbologias, ou seja, os símbolos condicionados à estereotipação e dos símbolos que compõem a história, tal como dos elementos da escravidão, terão os sentidos revertidos e reafirmados positivamente:

O resgate efetuado a nível dos referentes históricos e da escala de valores realiza-se também no nível da representação simbólica, pois que a palavra de ordem é pôr o mundo do avesso. Assim, sucessivamente, o poema [produções literárias] se torna o espaço da destruição de uma simbologia estereotipada onde por exemplo a noite, o preto, o escuro, enfim, tudo o que se relacione a cor negra, é associado ao mundo das trevas, do mal ou do pecado. Embora alguns ainda revelem ter introjetado esses clichês, um certo número consegue reverter seu sentido, fazendo com que o mesmo referente se transforme em algo positivo. (BERND, 1988, p.89)

As quatro leis anteriormente citadas trazem sustentabilidade ao processo de “singularização, fornecendo-lhes mitos, símbolos e valores, em suma, os elementos todos que irão viabilizar a total possessão de si próprios.” (BERND, 1988, p.93)

Nota-se, nos discursos desses escritores, a intenção de desconstruir a imagem negativa dos negros no meio literário e reconstruí-la de forma distinta e positiva, de modo a reconstruir uma identidade que foi imposta. Nos **Cadernos Negros**, na apresentação do número 01, fica evidente a proposta de um discurso livre das amarras da hegemonia oficial branca, denotando a necessidade por novos sujeitos

com discursos antes marginalizados e não aceitos pelo cânone, assumindo sua “negrura bela e forte” visando o fortalecimento contra as situações opressoras:

Estamos no limiar de um novo tempo. Tempo de África, vida nova, mais justa e mais livre e, inspirados por ela, renascemos arrancando as máscaras brancas, pondo fim à imitação. Descobrimos a lavagem cerebral que nos poluía e estamos assumindo nossa negrura bela e forte. Estamos limpando nosso espírito das ideias que nos enfraquecem e que só servem aos que nos querem dominar e explorar. (ALVES, M. 2012, p. 222)

Fica evidente nessa apresentação que o negro reverte o uso da literatura, antes uma arma usada contra si pelo seu algoz, e agora, veículo para reconhecer-se em sua peculiar diferença e afirmar-se de forma a construir e enaltecer a sua identidade, buscando ser o sujeito da enunciação em seu próprio espaço, de modo a eliminar os estereótipos, revertendo os sentidos e valores negativos a ele impostos historicamente.

### 1.3. SUBVERSÃO E RESISTÊNCIA LITERÁRIA NA LITERATURA NEGRA

A busca constante dos negros pela afirmação da sua identidade, por aceitação, por reconhecimento da literatura afro-brasileira no cânone literário brasileiro, faz com que autores da produção negra circulem em outras extensões e transformem a luta do período escravista e demais situações opressoras em uma escrita de resistência, de subversão ao discurso do outro que quis excluí-lo e colocá-lo na condição de objeto, que quis privá-lo da sua identidade e subjetividade, entregando-lhe a subalternidade.

O poema “Berro” de Landê Onawale, além de nos permitir fazer inferências ao poema “Bodorrada” ou “Quem sou eu?” de Luís Gama, nos mostra também, as lutas de resistência negra (escrava do período colonial), retomando as revoltas (revolta dos Malês, 1835), resgatando personagens de resistência (os quilombolas- Luiza Mahin).

[...] lá na alta madrugada  
quando o sono dos injustos  
goza a velha bodarrada  
bééé!  
ecoemos quilombolas utopias  
dentro dos seus sonhos opressores  
bééé!  
búzios, agulhas e argolas  
atiremos sobre seus telhados de vidro  
bééé!

povoemos de malês e mahins toda a cidade  
 apavorando os mesmos bodes  
 que nos queriam pôr fim.  
 (SOUZA, 2011, p. 439)

Na produção literária brasileira, os escritos negros e seus autores, se encontram em posição marginalizada, tendo assim uma produção isolada dentro da literatura brasileira. Mesmo assim, para alguns estudiosos, a “literatura é uma só” e, portanto não há a necessidade de criação de uma literatura dos negros ou afrodescendentes. Eduardo de Assis Duarte, defensor da literatura afrodescendente, discute a falta de pesquisa e de estudo da literatura em questão, o que a torna escassa, não divulgada em conteúdo e em autoria. O estudioso afirma também que a historiografia literária passa por uma revisão no *corpus*, “nos métodos, processos e pressupostos teórico-críticos empregados na construção do edifício das letras nacionais” (DUARTE, 2004, p.03) essa revisão surge, pois, “motivada pela emergência de novos sujeitos sociais, que reivindicam a incorporação de territórios discursivos antes relegados ao silêncio ou, quando muito, às bordas do cânone cultural hegemônico” (DUARTE, 2004, p.03).

Temos na literatura negra, de início, um movimento de resistência à situação que lhe impuseram em virtude dos discursos depreciativos, dos estereótipos e da apelação fenotípica. Alguns escritores renomados no mundo das letras, ao ceder a imposição da sociedade à época escravista levaram o negro ao processo de branqueamento como forma de impor o “padrão branco” e diminuí-lo, contribuindo dessa maneira para a recusa do negro e o esquecimento da questão racial e da desigualdade, de forma a negar a afro-descendência. Nessa última situação, Duarte (2004) cita como afrodescendentes os autores Mário de Andrade e Machado de Assis. O poeta modernista, segundo o estudioso, ocultou a sua origem e sua condição social enquanto Machado de Assis eliminou de suas narrativas o mundo do trabalho escravo e omitiu a luta pela emancipação dos negros.

Muitos autores resistem à estereotipação, ao branqueamento, à marginalização da escrita negra e o fazem como maneira de enfrentar de frente questões como o preconceito. Nesse sentido, duas palavras irão permear a discussão que estamos adentrando, a primeira delas é a resistência e a outra é a subversão. Como resistência entende-se a recusa de submissão à opressão de outrem à hegemonia do discurso do opressor. O negro mesmo em meio aos ataques e à exclusão reage a essa sujeição, ou seja, continua lutando por espaço, reconhecimento e aceitação,

não mais como vítima da história e do discurso de outros indivíduos, mas como autônomo/sujeito de seu discurso.

No artigo “O conceito de resistência em três textos da literatura brasileira à luz da teoria pós-colonial”, os autores, Ângela Aparecida Gonçalves e Thomas Bonnici fazem a análise do conceito de resistência do sujeito colonial a seus colonizadores, a partir do poema **O Uruguai** de Basílio da Gama, do romance **O Cortiço** de Aluísio de Azevedo e do conto “Pai contra Mãe” de Machado de Assis. O foco dessa análise é indagar como o sujeito colonial se subjetifica e se assume autonomamente, tornando-se agente pela sua resistência. Os estudiosos apontam a violência, a paródia, a ironia e a cortesia (dissimulada) como meios de resistência dos colonizados. A violência é “baseada em princípios e na ideologia de uma cultura que vê no nativo [negros e índios] a fraqueza, o despropósito, um ser sem recursos para enfrentar o conquistador” (GONÇALVES; BONNICI, 2005, p.05). A paródia inverte o discurso negativo; quanto à ironia e a cortesia, são entendidas e defendidas por autores a exemplo de Achebe e Okri, como corrupção à autoridade e desestabilização ao centrismo do colonizador. A resistência ainda é colocada como meio de questionamento do sujeito inferior quanto à autoridade do “maior,” na qual a hierarquização dos colonizadores e o poder desses, submetem os sujeitos coloniais (índios, negros) à condição de dominados, objetos e subalternizados, o que não se restringe aos primeiros momentos de colonização, mas que se estende aos dias atuais, sendo este um:

[...] modelo predominante das relações de poder e de interesse em toda a sociedade colonial é a oposição maniqueísta entre a alegada superioridade do europeu e a suposta inferioridade do nativo. Esse eixo, por sua vez, constitui a característica central da estrutura cognitivista colonialista e da representação literária colonialista: a alegoria maniqueísta – um campo de oposições diversas, porém, intercambiáveis, entre branco e preto, bom e mau, superioridade e inferioridade, civilização e selvageria, inteligência e emoção, racionalidade e sensualidade, o eu e o outro, sujeito e objeto (JAN MOHAMMED, 1985, p.61).

Diante da fala de Jan Mohammed (1985), podemos notar que mesmo distanciando a nossa visão do sistema colonial e indo ao nosso foco que é a resistência e a subversão na literatura negra, há nesse o jogo de relações de poder a imposição do branco sobre o negro, seja na imposição do modelo europeu “brancocêntrico”, seja no fenotípico, na raça, no discurso, na crítica literária (cânone) sob a produção marginalizada, entre outras situações.

Conceição Evaristo, romancista e poeta negra, vê na arte literária uma forma de resistência ao sistema opressor que deveria ter ficado no passado, mas que perpassa e teima a continuar com novas caras, seja por políticas segregacionistas, pelo racismo, preconceito ou discriminação. A literatura torna-se um recurso de modificação e de subversão dessa condição, subsidia ao negro para ir além. Se antes o corpo negro era depreciado em todos os seus sentidos e a identidade era repudiada, por meio da literatura o corpo será expresso e constituído da maneira mais positiva possível, assim como a identidade que será afirmada orgulhosamente:

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e social pelo sistema escravocrata do passado e, hoje ainda por políticas segregacionistas existentes em todos, se não em quase todos, os países em que a diáspora africana se acha presente, coube aos descendentes de africanos, espalhados pelo mundo, inventar formas de resistência. Vemos, pois, a literatura buscar modos de enunciação positivos na descrição desse corpo. A identidade vai ser afirmada em cantos de louvor e orgulho étnicos, chocando-se com o olhar negativo e com a estereotipia lançados ao mundo e às coisas negras. (EVARISTO *apud* PEREIRA, 2010, p. 134)

A subversão, em primeira instância, pode ser entendida no sentido de revolta contra a ordem opressora, logo se visa lutar contra essa ordem ou determinada situação. Como meio de ganhar força no processo de subversão, os autores negros vão aderindo a movimentos, propondo mudanças e subvertendo o discurso minimizador da classe dominante brasileira. A literatura que antes excluía o negro torna-se arma de combate ao poder e a denúncia da injustiça social, permitindo assim sua ressignificação e retomada da subjetividade, da liberdade, visto que é possível redimensionar essa literatura a favor do negro.

A literatura negra é o próprio meio de subversão, pois através dela o discurso do negro contrapõe-se à censura da literatura canônica, refazendo o seu caminho, recriando-se. Zilá Bernd (2010), em *O literário e o identitário na literatura afro-brasileira*, afirma que:

A literatura nestes momentos pode ser – por seu caráter polifônico e pela multiplicidade de sentidos que pode emitir – o único tipo de discurso a desempenhar um papel desestruturador da sociedade, pois a censura impede todos os demais discursos de se exprimirem livremente. O discurso literário terá o mesmo papel do bobo da corte (*le fou du roi*), sendo o único que pode rir do rei, pois, devido à sua aparente frivolidade e a seu caráter ficcional e simbólico não é levada a sério, passando muitas vezes pelo crivo da censura que não chega a perceber seu caráter subversivo. Este é o inigualável poder que possui a literatura e os grandes escritores têm sido justamente aqueles que conseguem usar este potencial subversivo da

literatura para desestabilizar os sistemas sem comprometer a literariedade. (BERND, 2010, p. 07)

Escrever sobre o negro incomoda e sendo assim, subverter-se-á! Pois, fazer das letras caminho e meio de resistência rumo à perturbação da “ordem”, do poder estabelecido é um ato de ousadia e coragem, é um ato de tomada de consciência em direção à liberdade. A “arma de combate” negra, a literatura, segundo Bernd, ocupará lugar de importância quando:

Deixar de exprimir, através de retórica grandiloquente e de forma tão categórica, as violências e os constantes ataques aos direitos humanos de que ainda são vítimas os negros brasileiros [produzindo] [...] efeitos de verdade, que atingem e modificam o leitor, levando-o a reavaliar sua relação com o outro e com o Diverso. (BERND, 2003, p.121)

A estudiosa para exemplificar seu comentário cita o poema em prosa “O Grito” de Edimilson Pereira nele, o poeta acentua ainda mais o poder subversivo dessa literatura, uma vez que a palavra não deva servir de grilhões e nem amarras (estereótipos, branqueamento, preconceito, racismo, etc.), mas de refúgio para transpor a inquietação, a incoformação e a rebeldia:

A palavra tem sido o lugar onde levantamos abrigo. Na plantação, no garimpo, tecemos o grito, origem do que falamos. O que foi registro de rebeldia, não se aplacou, irrompe na página desnortando os cães de caça. O grito espregueia atrás da escrita, não confia em setas, escolhe os atalhos. Os cães foram ensinados a varar a noite e o tempo. A palavra, no entanto, é um edifício e se alarga para as margens da floresta (PEREIRA, 2003, p.211).

As leis defendidas por Zilá Bernd referentes à identidade do negro serão novamente retomadas aqui, pois fazem parte das ações de lutas desse segmento, do processo de resistência e subversão, pois partem da tomada de consciência do ser que padece na “mão” do outro e que partindo para a ação, se quer sujeito de sua história, havendo a emergência do “eu” que visa sair da condição de objeto, de modo a destruir o imaginário negativo para construir e reconstruir a sua trajetória, do ressignificar para valorizar-se:

*Eu*  
negro  
*Eu*  
de fato.  
*Eu*  
com injustiças  
estupefato.  
*Eu*  
tentando ser eu mesmo

negro de fato.

(VIEIRA, 1980)

A resistência do negro que sobrevive e subverte-se (o sujeito que se manifesta) é contra o discurso do outro e reage, não atacando, mas procurando mostrar suas qualidades e transformando o discurso do outro a seu favor de modo a sair da condição de subalterno, ganhando liberdade e autonomia.

Poetas como Luís Gama e Solano Trindade, dão visibilidade maior à literatura de resistência, pois suas produções visam tirar o negro da condição marginalizada, tratando também dos traços ancestrais africanos, fazendo da literatura lugar de transgressão e dando novas configurações às marcas do passado. O poema “Cantos dos Palmares” de Solano Trindade pode exemplificar estas questões suscitadas, pois nele a ancestralidade presente na figura de Zumbi é valorizada como herói negro, além de mostrar traços da subversão do povo escravizado, os quais procuraram ao longo do tempo, preservar a sua memória em meio à opressão:

Eu canto Palmares  
sem inveja de Virgílio de Homero  
e de Camões  
porque o meu canto  
é o grito de uma raça  
em plena luta pela liberdade.  
[...] O opressor  
não pôde fechar a minha boca [...].  
(TRINDADE, 1961, pag. 29, 35)

Na luta contra a discriminação eclodem movimentos militantes de resistência por meio de grupos literário-alternativos, muitos deles permanecem até hoje dando origem a outros, a exemplo do grupo Quilombhoje (1978), lutando por ideologias políticas, estéticas ou culturais, propondo um contra discurso às convenções preconceituosas e racistas, desmitificando os mitos, ressignificando o negro na literatura brasileira, uma literatura que por meio do seu sistema literário, mais precisamente pela crítica literária, peca por conservar um caráter hegemônico e por isso continuar escrevendo uma historiografia excludente.

## 2. CIRCUITOS ALTERNATIVOS DE PUBLICAÇÃO DA LITERATURA NEGRA

O que seriam circuitos alternativos da literatura negra? A princípio tomamos como sentido de “circuito” a trajetória que essa literatura vem percorrendo atualmente e os meios nos quais ela vem sendo publicada. É necessário destacar seu caráter alternativo, pois se não existe espaço no universo oficial das editoras, os escritores buscarão meios não “convencionais”. É notório que a produção negra foi marginalizada e não teve uma consagração no cânone literário nacional, no entanto, essa literatura com o transcorrer do tempo vem ganhando espaço com a militância dos movimentos negros. Contudo de maneira ainda restrita ou alternativa, como no caso da coletânea **Os Cadernos Negros** e na contemporaneidade com os *blogs*. A produção e, mais precisamente os meios de publicação dessa literatura, tornaram-se um circuito editorial alternativo e como afirma a pesquisadora Florentina Souza, “estruturam-se como símbolo da resistência e preservação cultural” (2011, p. 09). Os escritores e os movimentos negros vêm desestabilizando o processo hierárquico composto pela elite branca em nosso meio literário e, mesmo que a literatura negra não tenha alcançado a consagração canônica, essa literatura conquista um público leitor, ganha novos e inusitados espaços para sua expressão, nos saraus das periferias, nas mídias e no mundo virtual.

### 2.1. CADERNOS NEGROS: O PRECURSOR

Os primeiros negros vindos da África para o Brasil foram privados do direito de permanecerem em seu lugar de origem, uma vez no território, o “colonizador branco” tratou de encontrar um lugar para colocá-los, a senzala. De certa maneira, na literatura brasileira ocorreu processo semelhante. Notamos que a produção desenvolvida por afro-brasileiros em nosso país não foi transportada violentamente de uma terra para outra, mas sim renegada no seio dela. Quanto ao lugar encontrado para tal produção, não podemos negar que nunca tenha existido, uma vez que na construção do imaginário nacional, a literatura brasileira foi usada como elemento depreciativo e de dominação do negro, colocado e reduzido a uma posição estereotipada e preterida.

Do período colonizador e escravista para cá, o negro passou por um processo de tomada de consciência, de luta pelos seus direitos e espaço, desfazendo uma condição a ele imposta, batalhando por uma liberdade que já era sua, mas que lhe foi roubada. Quando nos referimos à liberdade, dizemos não somente da libertação do cativo e do aprisionamento físico, mas da liberdade de expressão, de revoltar-se e sobressair-se à condição de vítima e cativo através da palavra. O negro viu na literatura uma forma de se libertar das amarras do sistema “brancocêntrico”, uma forma de emanar “uma negropolítica e uma negropoética que é nossa, que carrega nossa dicção, nossas questões, dilemas e aspirações e, mais ainda que escapa às visões limitadas de beleza e provocam o campo da literatura a se repensar”. (CADERNOS NEGROS, 2012)

Os autores negros pretendem por meio dos movimentos e antologias, intensificar a busca por expressões literárias fortalecedoras das lutas por liberdade e afirmação, em um posicionamento engajado:

[...] só começa a corporificar-se efetivamente a partir de vozes precursoras, nos anos de 1930 e 1940, ganha força a partir dos anos de 1960 e presença destacada através de grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negros, nos anos de 1970 e no curso da década de 1980, preocupados com marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira. As vozes continuam nos anos 1990 e na atualidade, embora com menor presença na repercussão pública. [...] Data de 1915 o aparecimento, na imprensa, de periódicos especializados, entre eles, *Menelik* (1915- 1935), *O Clarim da Alvorada* (1924- 1937), *Voz da raça* (1924- 1937); em 1931 surge a Frente Negra Brasileira. Segue-se o interregno da ditadura getuliana. As vozes voltam a clamar a partir de 1945, através, entre outras publicações, de *Mundo Novo*, *Novo Horizonte*, *Alvorada*. [...] São algumas das publicações, entidades e movimentos de posições diferenciadas quanto ao equacionamento do problema, mas todas com o mesmo núcleo de preocupação: a causa do negro brasileiro. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 176)

Domício Proença Filho (2004) ao tratar do negro como sujeito e em uma atitude compromissada, pontua, como precursores do que o próprio autor denomina como velha guarda, alguns escritores e as causas engajadas nesse comprometimento: Lino Guedes, que na ironia da sua poesia traz a luta pela afirmação racial, Solano Trindade pelo seu posicionamento político-social e Abdias do Nascimento, que buscou resgatar os mitos e rituais da cultura negra.

O estudioso cita ainda escritores “assumidos [os quais] embarcaram, na sua maioria, nas naveas da chamada poesia marginal ou independente. São com raras

exceções, produtores dos próprios livros” (PROENÇA, 2004. p. 178), mas que devido às:

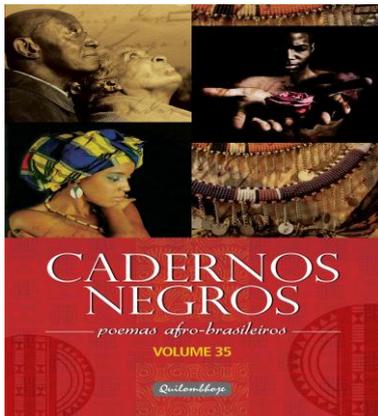
[...] dificuldades mercadológicas que enfrentaram e enfrentam, levaram-nos a integrar grupos e movimentos, entre eles o grupo Quilombhoje, de São Paulo, criado em 1980, responsável pela publicação dos *Cadernos Negros*, [...] o grupo Negrícia, Poesia e Arte do Crioulo, lançado no Rio de Janeiro, em 1982, e o grupo Gens [...] que data de 1985). Como outros veículos de circulação [...] cabe citar ainda três coletâneas: Axé – *Antologia da poesia negra contemporânea* (Global, 1982), organizada por Paulo Colina, *A razão da chama. Antologia de poetas negros brasileiros* (GRD, 1986), com coordenação e seleção de Oswaldo de Camargo, e a globalizante *Poesia negra brasileira* (1992), organizada por Zilá Bernd. (PROENÇA, 2004. p.178)

Os autores engajados na causa negra buscam não a luta pela liberdade em si, mas pela autoafirmação da identidade do “eu” negro, cultural, permeado por um caráter de denúncia e de ruptura. Nesse contexto são citados autores como o poeta Carlos Assumpção, que assume um posicionamento de resistência e de luta; o poeta Cuti, o qual tenta mostrar a necessidade de conscientização perante a afirmação identitária; Oswaldo de Camargo enfocando a denúncia, assim como a nostalgia da ancestralidade e o orgulho valorizador dessa etnia; Oliveira Silveira trazendo além da denúncia, a valorização do negro e alguns questionamentos em torno da posição social do negro; para além desse questionar, é mencionado o orgulho de pertencimento por meio de Geni Mariano Guimarães; A revolta também se faz presente nos versos de José Carlos Limeira; temos ainda o desejo de integração em Paulo Colina.

Dentre os movimentos engajados e militantes, surgem **Os Cadernos Negros**. Na edição comemorativa dos trinta anos dos **Cadernos Negros** intitulada *Trinta Anos de Cadernos Negros*, Aline Costa, no ensaio “Uma História que Está Apenas Começando”, traz um pouco da história da série até o ano de comemoração dos trinta anos (2008) e afirma que a ideia de construção dos Cadernos Negros surge através da influência das manifestações por liberdade no continente africano, ocorridas na década de 1970.

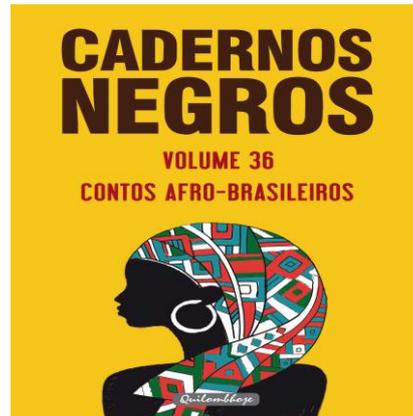
**Os Cadernos Negros** nasceram em 1978. Desde a publicação do primeiro número, os organizadores alternam os volumes entre os gêneros poesia e conto. A série surgiu em um período de greves e protestos estudantis em São Paulo. Além de um momento marcado pelo surgimento das comunidades e das entidades negras, constatava-se a falta de produções afro-brasileira e de um público leitor.

Figura 1: Volume 35- poemas



Fonte: [www.quilombhoje2.com.br/blog/?tag=cadernos-negros](http://www.quilombhoje2.com.br/blog/?tag=cadernos-negros)

Figura 2: Volume 36- contos



Fonte: [www.quilombhoje2.com.br/blog/?tag=cadernos-negros](http://www.quilombhoje2.com.br/blog/?tag=cadernos-negros)

Inicialmente, em 1978, **Os Cadernos Negros**, em seu primeiro volume, publicaram poetas como Henrique Cunha Jr., Ângela Lopes Galvão, Luiz Silva (o Cuti), Jamu Minka, Oswaldo de Camargo. Logo mais, em 1982, esses poetas reunidos a outros, como Clóvis Maciel, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves formaram o grupo Quilombhoje, grupo responsável pela série desde 1980 e que ainda publica, na atualidade, **Os Cadernos Negros**. Driblando os obstáculos e dificuldades, dentre estes, a falta de espaço no meio literário e no mercado editorial, a coletânea, com o passar dos anos, ganhou não apenas um público interessado em usá-lo como fonte de estudos acadêmicos e de pesquisas, mas tornou-se um grande veículo de circulação editorial da literatura negra, promovendo a visibilidade tanto dos textos, quanto dos escritores que subvertem a ordem instituída da publicação.

A literatura nos **Cadernos Negros** transformou-se em forma de confronto em relação aos preconceitos enraizados no próprio meio literário, inquietando o leitor que ao se reconhecer de alguma forma nos textos da coletânea, deixava a alienação, a passividade, de modo a valorizar-se e a tomar uma posição quanto à situação social que vivenciavam, ao recusar estereótipos depreciativos, impostos pelos brancos e por muitos escritores renomados da nossa literatura. Sendo assim, a literatura que se procurava construir seria uma espécie de arma de combate à imagem negativa do “ser negro” nas produções nacionais e nos vários âmbitos da sociedade.

**Os Cadernos Negros** pretendendo reverter a situação do negro excluído, literariamente falando, reuniram através dos militantes da causa negra e procuraram dar visibilidade à produção marginalizada, não apenas como forma de resistência

cultural ou racial, mas permitindo o exercício da criação literária na qual o negro é dono do seu discurso, auxiliando na construção de uma identidade antes inferiorizada, contribuindo através da literatura para a autoafirmação, a representação e a valorização identitária do negro.

No ensaio “As noções textuais da negrura na série Cadernos Negros”, e também na edição comemorativa dos 30 anos dos **Cadernos Negros**, Fausto Antônio afirma:

Nos vinte e nove anos de existência dos Cadernos Negros (CN), os elementos formadores dos textos, cujo conjunto nos dá a configuração da questão negra e nos define a própria noção textual da negrura, são, a cada nova publicação, mais carregados de significações. Cresce, no escopo significativo, nos textos em prosa, em verso e nas teorias, a questão da identidade racial. A problematização da identidade é objeto nuclear e compõe um percurso inseparável dos textos e das teorias. Identidade racial nos CN significa, igualmente, empreender movimento para a superação das desigualdades raciais a que estão submetidos os negros. Pode-se dizer que os contos, poemas e teorias publicados pela série são dotados de intencionalidades específicas em torno do negro e da problemática negra para discutir, por exemplo, o que é literatura na perspectiva identitária negra. A projeção afirmativa do signo negro e a visibilidade positiva da cultura permitem a circulação, numa forma de revanche, de uma linguagem que se contrapõe ao racismo a aos efeitos na linguagem e discursos. (ANTÔNIO, In RIBEIRO e BARBOSA, 2008, p. 81)

O negro quando busca uma afirmação por meio de movimentos, visa construir uma identidade, uma identidade cultural e o reconhecimento desta, procura ainda um espaço próprio, seja esse cultural, social ou histórico, lutando contra o preconceito e a discriminação. Ao longo das décadas de publicações, poemas e contos trouxeram ideologias, que, sobretudo, contribuíram para a subversão do negro, livrando-o do rótulo colocado pela história e pela literatura canônica de outrora. Poemas como “Outra negra Fulô” e “Cabelos que Negros” (Oliveira Silveira), “Linhagem” (Carlos de Assumpção) contribuíram para quebrar essa representatividade e estereótipos em relação ao negro.

Enquanto Oliveira Silveira apresenta a figura da mulher transgressora e ciente dos seus direitos:

O sinhô foi açoitar a outra Nega Fulô  
 Ou será que era a mesma?  
 A nega tirou a saia,  
 A blusa e se pelou  
 O sinhô ficou tarado,  
 Largou o relho e se engraçou.  
 A nega em vez de deitar,  
 Pegou um pau e sampou

Nas guampas do sinhô  
 Essa Nega Fulô !  
 Essa Nega Fulô !  
 (SILVEIRA, 1988)

Carlos de Assumpção resgata a força de luta e de resistência do negro, trazendo e valorizando a ancestralidade na figura do Zumbi dos Palmares:

Eu sou descendente de zumbi  
 Zumbi é o meu pai e meu guia  
 Me envia mensagens do orum  
 Meus dentes brilham na noite escura  
 Afiados como o ogadá de ogum  
 Eu sou descendente de zumbi  
 Sou bravo valente sou nobre  
 Os gritos aflitos do negro  
 Os gritos aflitos do pobre  
 Os gritos aflitos de todos  
 Os povos sofridos do mundo  
 No meu peito desabrocham  
 Em força em revolta  
 Me empurram para luta me comovem  
 Eu sou descendente de zumbi [...]  
 (ASSUMPÇÃO, In: QUILOMBHOJE, 2008, p. 31)

Em “Cabelos que negros” há a intenção do autor de ressaltar a beleza do negro brasileiro, buscando a autoafirmação por meio da elevação e do orgulho pela identidade negra, além de destacar o preconceito em relação ao fenótipo do negro:

Cabelo carapinha,  
 engruvinhado, de molinha,  
 [...]  
 cabelo puro que dizem que é duro,  
 cabelo belo que eu não corto a zero,  
 não nego, não anulo, assumo,  
 assim pixaim,  
 cabelo bom que dizem que é ruim  
 e que normal ao natural  
 fica bem em mim,  
 [...]  
 porque eu quero,  
 porque eu gosto,  
 porque sim,  
 porque eu sou  
 [...]  
 pessoa negra e vou  
 ser mais eu, mais neguim  
 e ser mais ser  
 assim.  
 (SILVEIRA, In: BARBOSA e RIBEIRO, 2002, p. 134)

Em relação aos contos publicados nos **Cadernos Negros**, “Lembranças das Lições” de Cuti (o Luís Silva) ganha caráter de denúncia contra a discriminação racial por meio dos traumas adquiridos e das lições aprendidas em sua infância:

A palavra escravidão vem como um tapa e os olhos de quase todos os moleques da classe estilingam um não sei o quê muito estranho em cima de mim. [...] Um calor esquenta-me o rosto e umas lágrimas abaixam-me a cabeça para que ninguém as veja. [...] A cada palavra de seu discurso, pressinto uma nova avalanche de insultos contra mim e contra um “eu” mais amplo, que abraça meus iguais na escola e estende-se pelas ruas, envolvendo muitas pessoas, sobretudo meus pais (SILVA, L., 1996, p. 108).

O conto “Cidade Violenta” de Márcio Barbosa chama a atenção para o preconceito mascarado pela miscigenação racial que camufla o racismo existente em nosso país:

Aquele ali virou pra trás. É escuro, como a maioria desses motoqueiros. Queimado de sol. Merda, não é preconceito, não... Também tenho pele escura, quer dizer... Mulato... mulata... palavras engraçadas... Mas não vou entrar nessa neurose, não... tenho sangue índio, italiano, tudo misturado. Aqui é assim, os mulatos que têm grana são brancos, se não têm, são pretos... (BARBOSA, In: BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p. 221-22).

Por fim, no conto “O batizado” de Cuti, há uma tentativa de despertar o leitor para a causa negra, para a afirmação da sua identidade:

[...]

- Ouviram todos vocês? Eu acabo de dizer, com este exemplo nas mãos, da quebra da nossa identidade negra. Ouçam o nome de meu adorado sobrinho: Luizinho... Já não chega o sobrenome Oliveira! Luiz é nome de qual ancestral? Refere-se a qual matriz cultural ?

[...]

- E reparem na contradição. Minha família, depois de negar suas raízes, com esse batizado, ainda tenta me impedir de falar. A alienação é dupla. Querem me impor censura! Fosse o nome escolhido um nome africano, como por exemplo Kalungano, Sawandi, Kwame, Omowale, ou um nome dado por nossas verdadeiras religiões, e eu não estaria aqui dizendo essas palavras. Mas, com nome africano cartório põe areia, não é mesmo? E nós o que fazemos? Recuamos, ao invés de reivindicar o direito à identidade cultural. (CUTI, In: QUILOMBOJE, 1998, p. 46-47).

Diante da produção poética da série, constata-se a intenção dos **Cadernos Negros**, por meio dos seus escritores, de reivindicar a autenticidade e a legitimação da literatura negra, de modo a constituir uma identidade antes negada e apagada como a própria história dessa literatura, trazendo assim o reconhecimento e a visibilidade para essa produção. Mas, mesmo com toda essa reivindicação, por que será que não é um fato comum o de encontrar os volumes em livrarias? Seria pelo

escritor negro, tal como a sua produção estar em condição de minoria em nossa sociedade? Seria pela falta de um público leitor?

É importante mencionar que no meio tradicional editorial, a editora é a responsável pelos custos da publicação e da distribuição das produções às livrarias, o que seria fantástico para muitos escritores desejosos de terem os seus escritos materializados em livros impressos, se não fossem muitos os critérios exigidos para esse tipo de publicação. Dentre tais critérios colocamos o financeiro, visto a carestia da materialização da obra no formato impresso, e outros fatores como os temas de interesse, atuais ou não, para o mercado leitor. Qual o tema que interessa ao leitor no momento? Outro fator inerente à publicação é o perfil do autor. Este último fator, por vezes, é o que dificulta a publicação de autorias negras, uma vez que nem sempre o que se pesa em uma sociedade hegemônica é a qualidade da obra, mas a tez da pele do autor ou a sua etnia.

**Cadernos Negros** foram publicados em circuito editorial alternativo, pois, assim como a conotação “alternativo” sugere, a série não seguiu o curso das publicações impressas tradicionais e nem o curso dos meios de divulgação em massa para fazer circular os seus textos. Além do mais, a série é o próprio meio de publicação para alguns escritores negros, servindo como meio editorial de contos e poemas. O seu primeiro volume foi organizado e custeado pelos próprios poetas como uma espécie de “auto publicação” e em uma versão mais econômica: a de bolso, que circulou de forma restrita e não oficializada, de pessoa a pessoa. No momento atual, essa realidade não é diferente, já que os **Cadernos Negros** são organizados de forma independente pelo grupo Quilombhoje, que arca com os recursos necessários para publicação, editoração e divulgação dos **Cadernos Negros** em um processo cooperativo com os autores participantes, os quais têm na série, como já mencionado, um suporte para a publicação dos seus escritos.

A página virtual do site do grupo Quilombhoje afirma que a venda de cada volume ocorre no lançamento dos mesmos e que o público leitor da série é constituído não apenas por pessoas da comunidade afro-brasileira, mas também por universitários, professores e profissionais liberais, há leitores em geral e intelectuais pertencentes a outros segmentos étnicos. Dentre os critérios adotados para a publicação no meio editorial tradicional, citamos o interesse do público leitor como uma norma de avaliação das editoras para a publicação. Percebe-se que este público leitor não é constituído somente por militantes, mas por várias instâncias e

por vários interesses na área: pesquisa acadêmica, busca pelo reconhecimento e afirmação identitária, combate à discriminação, cultural, etc. Somado a isto, de acordo a Cristian Sales (2010), a série tem sido recomendada como leitura nos vestibulares da Universidade Federal da Bahia – UFBA e da Universidade Estadual da Bahia – UNEB, e que “o número de pesquisas acadêmicas no Brasil e no exterior tem crescido o que demonstra o interesse pela Antologia sob as mais diferentes perspectivas” (SALES, 2010, p.02). Diante da inegável ampliação do público leitor e dos espaços de circulação dos **Cadernos Negros**, nos vem o questionamento do “porquê” essa série não ser legitimada no âmbito literário nacional e ainda sofrer os efeitos das barreiras do mercado editorial? Para Sales (2010, p.02):

[...] para que uma obra seja considerada “Grande Literatura” ela precisa ser declarada literária, pois as estas Instituições [instâncias de legitimação] estabelecem condições de pertencimento e privilégios, imprimindo recalques no “interior da sociedade” na tentativa de impedir a presença de manifestações literárias, por exemplo, de autoria afrodescendente. [...] Abreu lembra que elas são responsáveis pela interpretação de determinadas obras literárias ou bens culturais, instituindo preferências e gostos, definindo o que é “literatura da não-literatura.”

São muitas as barreiras impostas às obras, que assim como os **Cadernos Negros**, são ou foram impedidas de circular e de serem divulgadas pelo seu não pertencimento ao mundo canônico e/ou pelo seu caráter afrodescendente. Mencionamos aqui, mesmo que de forma breve, o papel da crítica literária, a qual, na tentativa de selecionar o literário do não literário, de legitimar ou não uma obra, acaba cedendo ao poderio hegemônico e marginalizando determinadas obras e autores, fazendo o jogo do preconceito, uma vez que “a partir de certos critérios de seleção de cunho estético, [o] objetivo é “excluir, deslegitimar e ocultar vozes”, escritores(as) e suas produções” (SALES, 2010, p.02). Seriam somente dignas do reconhecimento crítico as obras de autores brancos?

Assistimos, atualmente, a um crescimento considerável em relação à produção e ao número de autores negros, porém não tanto quanto se deveria, uma vez que embora as oportunidades tenham se ampliado, essa produção ainda não é bem conhecida e até certo ponto rejeitada em alguns espaços da sociedade, isto por motivos óbvios, como o preconceito, a falta de conhecimento em torno das questões que a literatura negra aborda, como por exemplo, a religiosidade, a cultura, a raça, a recusa em discutir esses e outros temas evidencia uma extrema discriminação.

Mesmo sem o “consentimento” da crítica - das instâncias de legitimação - os **Cadernos Negros** vem se mantendo à margem, driblando os obstáculos do mercado editorial; transformando-se em um veículo de denúncia social de suma importância para a literatura negra, tal como para escritores/poetas negros, os quais ganham visibilidade através das suas publicações editoriais nos **Cadernos**. Aliás, este é um veículo que faz uso da literatura (negra) para reivindicar as causas políticas, identitárias, social e cultural da etnia. Mas que, além disso, resgata as memórias, desfaz os estereótipos e estigmas, constitui uma ordem discursiva dando voz e vez ao segmento afrodescendente.

## 2.2. BLOG: ESPAÇO VIRTUAL DA LITERATURA NEGRA

As tecnologias digitais e a democratização do acesso à internet, na atualidade, é um fenômeno irreversível, que tende cada dia mais mergulhar a sociedade no universo virtual. Em meio a essa evolução surgiu uma das diversas ferramentas de comunicação da internet, os *weblogs* ou, como atualmente chamados, blogs. Os quais, tal como o conceito da literatura feita por negros ou afrodescendentes, como vimos no primeiro capítulo, também tende a suscitar polêmicas, não pela designação, mas pelo que venha a ser o blog. Como podemos defini-lo? Quando a ferramenta surgiu - na perspectiva de Jorn Barger, o internauta que tinha um blog cultivava uma espécie de diário pessoal - muitos estudiosos compreendiam esse veículo como diário virtual, porém devido à amplitude que essa ferramenta tomou, “para alguns autores, tal plataforma é definida pela presença de comentários, enquanto outros norteiam a definição a partir da organização do conteúdo na página” (SANTOS; RODRIGUES; FERREIRA, 2014, p. 103). Simplificando a questão, o blog pode ser considerado, “páginas de Internet que são atualizadas com frequência e seus conteúdos dependem unicamente do que o autor deseja publicar” (CHAGURI; BERTOLLETTI; AZEVEDO, 2009, p. 592).

O crescimento do blog atingiu uma esfera de divulgação, de obtenção e de trocas de informações e ideias, inimagináveis em décadas passadas, tornando-se um espaço de publicação que vai além do conteúdo informativo. Atualmente, tornou-se uma ferramenta alternativa, possibilitando a publicação de conteúdos diferenciados que transmitem o universo pessoal do blogueiro, passando pelas

esferas profissional, artística, educativa e literária. Podemos afirmar que a interação nesse meio digital possui um lado cooperativo, pois permite aos participantes (internautas) a troca de informações, de conhecimentos, promove a interação e a troca de experiências sobre diversos assuntos, já que possibilita aos usuários utilizarem recursos, tais como, espaços para comentários, espaço aberto para o visitante (cadastrado ou não na página) ou mesmo o administrador da página permite ao internauta comentar e, muitas vezes, debater o tema postado.

Esse panorama geral acerca do blog pretendeu trazer ao leitor uma noção do que seria esse veículo na contemporaneidade. O que de fato interessa ao trabalho é investigar como esse meio de comunicação alterou e revolucionou a cena literária.

Em meio aos diversos tipos de blogs hoje no mundo online, o que vai permear a discussão deste trabalho é a dimensão do literário. Podemos dizer que blogs literários têm como principal objetivo, divulgar a literatura, a depender do interesse do blog, essa literatura ganha o recorte que o blogueiro pretende, seja literatura homossexual, literatura de gênero ou literatura negra/afro-brasileira, entre outras.

A circulação da literatura, ao longo do tempo, esteve em espaços como os folhetins nos jornais, desde o século XIX e, em livros, há pelo menos cinco séculos, porém, atualmente, a literatura ganhou um formato eletrônico e vem sendo disseminada no espaço virtual.

Mas de que maneira o blog pode ser utilizado na circulação e na expansão da literatura? De acordo com Santos, Rodrigues e Ferreira (2014), os blogs são:

Considerados como espaços de criação e publicação de textos independentes, além de ser uma ferramenta útil na divulgação editorial, os blogs literários são mantidos por autores desconhecidos que buscam interação social e reconhecimento dentro do universo cibernético. (SANTOS; RODRIGUES; FERREIRA, 2014, p. 101)

A viabilidade proporcionada pela internet aos seus usuários permite que qualquer pessoa com acesso à rede possa criar contas ou páginas e até mesmo publicar textos em sites que hospedam esse meio de publicação. Sob esta perspectiva, o advento da internet possibilitou que textos literários sejam editados e publicados sem que se precise ter o crivo do mercado editorial. Algumas vantagens das publicações literárias no ciberespaço em relação ao suporte impresso são elencadas no texto “O uso de **blogs** e **chats** no ensino de literatura” de Marciano Lopes e Silva (2010). A primeira delas é o amplo acesso à publicação, a segunda,

diz respeito ao baixo custo das edições de revistas (entre outros gêneros) para os editores, a terceira, promove o alcance mundial de público, a quarta, a possibilidade de interatividade entre leitor-autor no processo de criação, a quinta, abre espaço para o recurso multimídia e a criação de redes de afinidades entre escritores e/ou leitores.

Alguns espaços de publicação são disponibilizados na internet e muitos sites servem como meio de publicação editorial online, nos quais muitos autores apresentam seus textos e diante da aprovação dos mesmos, estes são publicados. No caso dos blogs, por serem gratuitos, permitem ao autor ou ao administrador publicar seu material pretendendo a circulação desses, sem precisar recorrer à editora de suportes impressos e aos custos altíssimos de publicação. Além de publicar, os escritores buscam também atrair um público, fidelizar uma audiência, garantir visibilidade e reconhecimento, pretensões que muitas vezes não se efetivam fora desse espaço, uma vez que o mercado editorial impresso é caro devido à demanda. Além disso, a seleção do material a ser publicado é seletiva, conforme os interesses do mercado que ditam as tendências do que irá ser publicado:

Portanto, pode-se dizer que os blogs proporcionam um contato direto e cotidiano com diferentes leitores e sem hierarquias, cuja troca e de busca mútua de conhecimento é o que integra blogueiros e receptores, afinal, todos são leitores. (SANTOS; RODRIGUES; FERREIRA, 2014, p. 106)

Segundo Marciano Lopes e Silva (2010) a interação entre leitor-autor que os blogs proporcionam assemelha-se aos folhetins que circulavam no século XIX, pois estes possibilitavam aos autores acompanharem os comentários dos leitores, tal como na atualidade, porém hoje, isso acontece de forma virtual:

A publicação no ciberespaço possibilita uma interação com os leitores através do espaço de comentários, fóruns ou chats, o que não acontece quando o escritor publica apenas pelo meio impresso. No caso da publicação de um romance em blogs ou sites, assim como se fazia nos folhetins dos jornais nos séculos XVIII e XIX, o autor tem a vantagem de acompanhar diretamente os comentários dos leitores e de interagir/dialogar com eles durante o processo de escritura. (SILVA M., 2010, p. 72)

Segundo Santos, Rodrigues e Ferreira (2014) um dos primeiros fatores que diferem esse tipo de blog dos demais meios de publicação é o fato de garantir ao leitor "informações sobre literatura e sobre o mercado editorial", trazendo uma mistura de opiniões e conceitos próprios, se transformando em local de discussão,

de interação. Os interesses afins fazem com o que escritores se organizem em redes, de modo a facilitar a divulgação do material e a criação de comunidades virtuais. Em virtude de seu alcance universal, a difusão literária no espaço cibernético facilita a propagação de vários trabalhos e, isso faz com o que autores e obras deixem o anonimato, transgridam os limites impressos e alcem voo a espaços antes impensáveis, pois, os blogs literários vêm expandindo sobremaneira no universo cibernético, não apenas despertando o interesse dos internautas, mas de editoras, podendo assim estabelecer uma parceria na difusão e na divulgação de livros.

Em “Blogs literários: investigações sobre a audiência a partir da perspectiva dos usos e gratificações” (2014), as autoras, Santos, Rodrigues e Ferreira, apresentaram as principais motivações que levam os usuários a buscar esse tipo de blogs. Alguns internautas buscam o blog por ser uma forma de aconselhamento ou de opinião sobre livros de seu interesse; uma integração opinativa, na qual os leitores debatem ideias; busca por informações literárias; valorização da imagem, leitores buscam no blog organização e conforto para leitura; por passatempo e fuga de tédio; a leitura é feita, ainda, por distração ou diversão; promover o debate através de opiniões díspares.

Sabemos que a rede de internet deu uma nova vida ao nosso sistema literário, uma vez que se tornou um espaço de divulgação literária além dos livros. E, por seu caráter alternativo, é possível denominar esse suporte de circuito alternativo, uma vez que o recorte que queremos dar a este, não é somente o de meio de publicação e circulação literária, mas de uma plataforma que se caracteriza pela transgressão dos espaços tradicionais, da troca pelos espaços mais modernos e livres do peso hegemônico e dos custos do mercado. Assim o blog pode ser considerado como um circuito alternativo:

Formado pelo movimento da escrita e da publicação extra-mercado, ligado a ONGs e a iniciativas culturais e políticas na sociedade, como o campo dos relatos prisionais, dos relatos brutos da periferia urbana brasileira (o novo sertão) e demais escritas e assinaturas de não profissionais. A produção dessas oficinas coletivas marca presença na universidade, como objeto preferencial de abordagem pelos estudos culturais. [...] Literatura e circuitos alternativos unem-se na medida em que ambas são práticas de escrita ligadas a processos complexos de subjetivação pessoal e coletiva. (MORICONI, 2006, p.11)

O blog não será mais ferramenta individual de um determinado autor – que visa propagar somente a sua obra ou interesse- mas de um autor ou grupo coletivo que pretenda tornar visível o que antes estava na marginalidade, o que antes estava relegado, como no caso da literatura periférica, da literatura de gênero, da literatura homossexual, ou como a literatura negra e a prática coletiva, trazendo a “conceituação e a valorização do objeto literário”.

Os escritores, ainda em minoria, viram na propagação, na difusão da literatura no suporte alternativo um meio de subversão, de representação e espaço de enunciação, sem que se preocupassem com a licença canônica ou da crítica hegemônica. E, se antes se encontravam à margem, hoje, mesmo que não tenham alcançado certa oficialidade, são sujeitos de seus discursos, conquistaram um espaço de luta para além dos meios oficiais, como os livros impressos. Os espaços alternativos podem ser considerados seus atuais territórios de circulação:

Ao assumir um lugar de fala, as minorias, além de denunciar um silenciamento sistemático a elas imposto, reivindicam (e ocupam) um espaço de auto representação e gestão pessoalizada de sua imagem social, rechaçando estereótipos antes lidos, pela via da naturalização, como sendo um traço genuinamente seu. Neste momento, o que se opera é uma reescrita da história, sublinhando a questão de que esta tem sempre não apenas duas versões: a dos vencedores e a dos vencidos, mas conjuga inúmeras possibilidades de narração, abarcando aqueles que estavam alienados da luta ou, até, aqueles que ainda não se encontraram livres dos confrontos. (SOUZA, 2011)

Trazendo essa discussão para o âmbito da literatura negra, podemos dizer que o mundo virtual se tornou um espaço significativo para esta literatura, pois é um meio de visibilidade contemporâneo. Escritores afro-brasileiros em todo o país têm a chance de mergulhar nesse novo universo conquistando reconhecimento e visibilidade, visto que o espaço mercadológico editorial (oficial):

É um espaço reduzido. Nos últimos 30 anos, houve um grande incremento dessa literatura, mas a partir de esquemas alternativos. Em São Paulo, você tem o grupo Quilombhoje, que publica desde 1978, em forma de produção cooperativada, os Cadernos Negros. Fora isso, há editoras pequenas focadas nessa produção. Aqui em Belo Horizonte, temos duas editoras: a Mazza, com mais de 25 anos, focada nessa temática, e, recentemente, a editora Nandyala. No Rio de Janeiro, há a editora Pallas, com mais de 500 títulos publicados. Em São Paulo, novamente, existe o Selo Negro, do grupo editorial Summus. Mas, quase sempre, as grandes editoras ignoram essa produção, pois estão preocupadas com autores canônicos e também com os best sellers. (DUARTE, 2012)

Podemos afirmar que além de instrumento de circulação e de divulgação dessa literatura, o blog é também ferramenta de consolidação e legitimação, tanto da literatura quanto dos autores que navegam por esse meio virtual. Não que essa legitimação acontecerá necessariamente fora dos centros oficiais, mas de forma independente, sem ter que esperar pela legitimação canônica, neutralizando o distanciamento dos centros mercadológicos e midiáticos, propondo uma nova dimensão de circulação literária.

### 2.3. O BLOG OGUM'S TOQUES NEGROS

Por muito tempo o negro enfrentou a exclusão histórica e social em nossa literatura. Na sociedade escravista enfrentou um lugar de subserviência ao seu senhor e nas representações da literatura brasileira foram reduzidos a estereótipos. Atualmente, o negro ainda luta por autonomia e liberdade, tanto no meio social quanto no literário. Uma constante de lutas nos dias de hoje é a dos escritores negros pela publicação das suas obras no espaço editorial e pela visibilidade das suas produções. De acordo com Eduardo de Assis Duarte (2004, p. 01):

Desde o período colonial, o trabalho dos afro-brasileiros se faz presente em praticamente todos os campos da atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento devido. No caso da literatura, essa produção sofre, ao longo do tempo, impedimentos vários à sua divulgação, a começar pela própria materialização em livro. Quando não ficou inédita ou se perdeu nas prateleiras dos arquivos, circulou muitas vezes de forma restrita, em pequenas edições ou suportes alternativos. Em outros casos, existe o apagamento deliberado dos vínculos autorais e, mesmo, textuais, com a etnicidade africana ou com os modos e condições de existência dos afro-brasileiros, em função do processo de miscigenação branqueadora que perpassa a trajetória desta população [...] O resultado de tais condicionamentos traduz-se na quase completa ausência de uma história ou mesmo de um *corpus* estabelecido e consolidado para a literatura afro-brasileira, tanto no passado quanto no presente, em virtude do número ainda insuficiente de estudos e pesquisas a respeito, apesar do crescente esforço nesta direção. A inexistência de uma recepção crítica volumosa e atualizada, bem como de debates regulares nos fóruns específicos da área de Letras, decorre desses fatores e também da ausência da disciplina “Literatura Afro-brasileira” (ou “Literatura Brasileira Afrodescendente”) nos currículos de graduação e pós-graduação da maioria dos cursos de Letras instalados no Brasil. Como consequência, mantém-se intacta a cortina de silêncio que leva ao desconhecimento público e vitima a maior parte dos escritores em questão.

O estudioso elenca algumas questões voltadas à falta de circulação e de visibilidade tanto da produção literária afro-brasileira quanto dos escritores negros. A

falta de divulgação, o apagamento dos vínculos autorais e textuais devido à miscigenação branqueadora e também o apagamento de uma história literária afro-brasileira, torna os escritores dessa produção invisíveis. Dos quais, muitos negaram a sua raça, etnia e até mesmo a sua identidade, para terem a “aceitação” do público. Porém muitos outros escritores sentem a necessidade de enfrentar os processos de exclusão legitimados pela sociedade, enfrentando esses mecanismos impostos, assumem a suas identidades.

São muitas as dificuldades que estes autores passam para ingressar no mercado editorial, o que, conseqüentemente, provoca a invisibilidade e a falta de reconhecimento desses autores e das suas obras. Este trabalho já discutiu neste capítulo, que para escapar às barreiras editoriais, autores negros buscaram nos meios alternativos de circulação, uma possibilidade para difundir suas obras. Muitos escritores, unidos muitas vezes a movimentos militantes e cooperativos, unem-se de maneira coletiva para difundir as suas produções nestes espaços alternativos. Foi o caso de **Os Cadernos Negros**, que se tornaram pioneiros no modo de publicação impressa e ainda continuam com as suas publicações anuais. Circunstância que se assemelha ao blog **Ogum's Toques Negros** que passou a ser uma ferramenta de divulgação literária. Constata-se que nos dois suportes – um impresso e o outro virtual, os caminhos alternativos são os mesmos para a propagação da literatura negra.

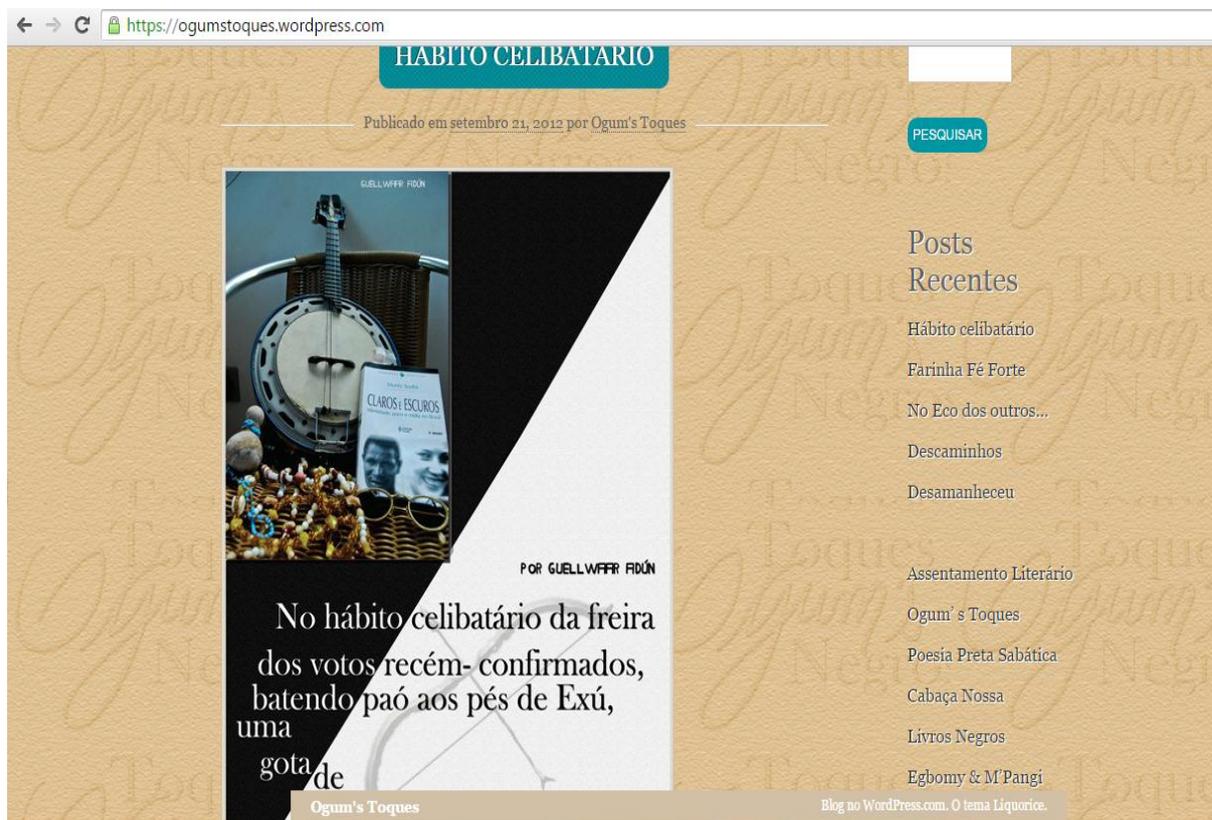
Vivemos em uma época digital, diversos aparatos tecnológicos surgem de forma vertiginosa, o que faz com o que vivamos cada vez mais conectados à internet, ao mundo virtual. Esse avanço tecnológico faz com o que além da comunicação e do alcance de informações, outras atividades surjam. Como no caso das redes e das mídias sociais as quais tinham no início um caráter de interação ou da própria comunicação, hoje já apresentam uma interface editorial e são usadas como suporte de (auto) publicação de diversas obras de maneira rápida, econômica e instantânea. Ademais, essas redes e mídias atingem o campo literário permitindo a difusão de obras no meio virtual, alternativa à publicação impressa:

O fluxo linear da publicação tradicional perde seu monopólio, em benefício da ascensão de novas opções para publicar, facilitando que qualquer pessoa veja seu livro disponível no mercado. Sendo assim, observa-se uma transformação no contexto da atuação das editoras, sendo o fenômeno das redes sociais atreladas à auto publicação uma tendência que pode levar à criação de novos modelos de negócio, não apenas concentrados na auto

publicação, mas estudando de que maneira se trabalha o contexto do livro digital potencializado pelos sites de redes sociais. (RODRIGUES, B., 2014. p. 14-15)

O coletivo **Ogum's Toques** teve sua última publicação postada no blog em setembro de 2012. Em resposta a um comentário feito por Uilians Souza em fevereiro de 2014, o idealizador do blog Guellwaar Adún afirma ter migrado para outro endereço com o objetivo de atualizar e aprimorar o projeto. Porém, em algumas tentativas de acesso ao novo endereço, o internauta é encaminhado para páginas que não pertencem ao grupo, informando erro de acesso, impossibilitando assim a visita ao site informado pelo idealizador. Sendo assim, a maioria das considerações feitas nesta pesquisa em torno do blog, foram baseadas em análises feitas na página antiga do **Ogum's Toques Negros**.

**Figura 3:** Última postagem no blog – Setembro de 2012



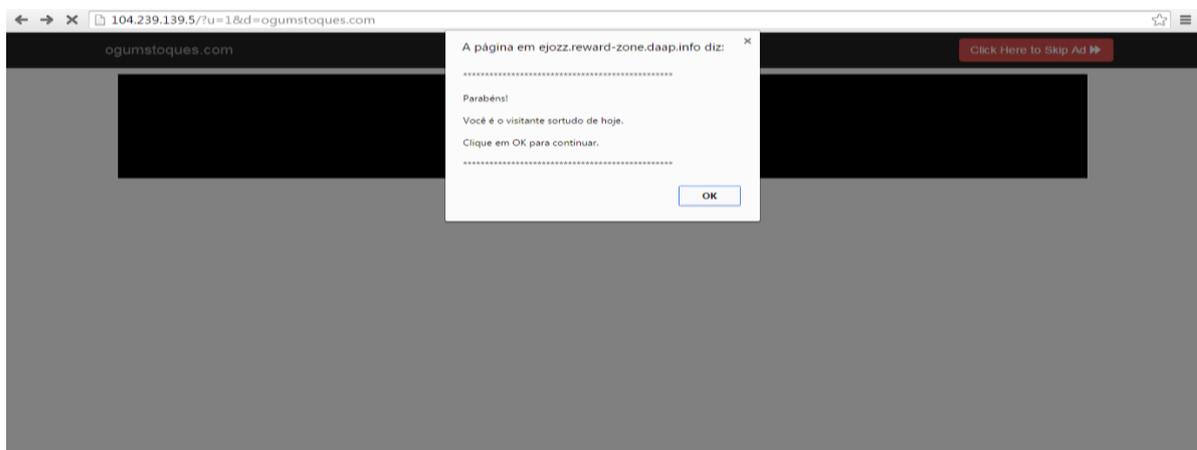
Fonte:Ogumtoques.wordpress.com – Último acesso em 02 de out. de 2015.

Figura 4: Mudança de endereço eletrônico da **Ogum's Toques Negros**.



Fonte: Ogumtoques.wordpress.com – Último acesso em 02 de out. de 2015.

Figura 5: Tentativa de acesso ao novo endereço do **Ogum's Toques**.



Fonte: Ogumstoques.com – Último acesso em 02 de out. de 2015.

A despeito dessas questões, o foco de nossa investigação é o projeto de circuito alternativo de publicação do blog coletivo **Ogum's Toques Negros**. Este surgiu, em 2012, de uma intervenção que o seu idealizador Guellwaar Adún, escritor e designer, realizava em seu próprio perfil do facebook:

Na quinta-feira eu publicava trechos de contos meus, e tinha uma reação muito grande, as pessoas compartilhavam e liam, refletiam, faziam intervenções interessantes, outras criticavam... Mas tinha uma turma que começou a acompanhar e a perceber que ali tinha alguma coisa. Às vezes,

eu testava, não publicava e as pessoas reagiam, tinha um público pequeno, mas tinha. (ADÚN, 2013, p. 03)

Guellwaar Adún (2013) afirma que, através do coletivo, pode investir na nano literatura o que o permitiu migrar “daquela coisa de fazer os contos longos e [passar] a divulgar poesia em até 144 caracteres, que se relaciona ao formato do Twitter”. No primeiro momento, o intuito era publicar seus próprios escritos, mas o blog se transformou em uma espécie de plataforma que viabilizava também a publicação de textos de outros autores como “uma forma de mostrar que esses autores existem, são ou foram negligenciados pela sociedade e pelo Estado Brasileiro”. Como exemplo de autores no blog podemos citar Mel Adún, Miriam Alves, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Hamilton Borges, entre outros.

O espaço virtual proporciona aos escritores negros uma alteração no suporte de publicação. Assim, o blog coletivo se configura como alternativa de publicação ao suporte impresso – do impresso para o virtual, visto que as dificuldades mercadológicas proporcionadas nestes meios inviabilizariam a divulgação literária de autores afrodescendentes; primeiro pela burocracia e carestia de mercado, segundo pela falta de aceitação e reconhecimento destes autores em nosso meio literário e da crítica excludente. Além do mais, a possibilidade de alcance instantânea e o caráter virtual do **Ogum’s Toques**, lhe permitiu ter uma grande repercussão nas mídias virtuais, conquistando um público abrangente e visibilidade para a literatura e autores negros. Segundo Pedro Henrique Silva:

Mesmo que a história literária e a maior parte do mercado editorial não queiram registrar [devido ao apagamento histórico da produção afro-brasileira], “Existe sim uma Literatura afro-brasileira!”. Com autores e pontos de vista próprios, essa forma de expressão artística constitui um projeto que visa um público e – principalmente – zela pela manutenção e (re-)significação da afrodescendência no Brasil. Assim, por meio da literatura, parte da memória negra se preserva à revelia do discurso histórico oficial. Eis que nesse embate discursivo, os afrodescendentes vêm aos poucos construindo lugares alternativos para sua enunciação. A coletânea poética *Ogum’s toques negros* surgiu nas redes sociais e seus *posts*, em aparições quase diárias, ganharam notoriedade, o que culminou no lançamento, nesse início de ano, do primeiro volume da coleção. Sob o axé de Ogum, o grupo tem no veículo impresso a abertura de novos caminhos. (SILVA, 2014, p. 01)

A afirmação de Pedro Henrique Silva (2014) está voltada mais precisamente para a Coletânea impressa *Ogum’s Toques Negros*, publicada em 2014, mas por se tratar do mesmo projeto – **Ogum’s Toques Negros** – podemos transportá-la para a

menção do **Ogum's** enquanto blog. Sendo assim, usaremos o seu enunciado para justificar como o blog em estudo se tornou um espaço significativo para o segmento negro. Sabemos que o mercado editorial e a história literária não registraram a literatura negra pela mesma causa: relações de poder. Quem esteve à frente da hegemonia, seja ela literária ou social? Com certeza, não foi o negro. O qual ocupou, ao longo da sua história, as margens de tudo o que o discurso branco dominou.

O coletivo vem promover o resgate das vozes que ficaram presas no passado, vem fazer circular em muitas dimensões as vozes que ficaram restritas ao público afrodescendente, além de contribuir para enunciação de novos autores negros, dando a estes, a oportunidade de sair da obscuridade. Segundo Adún (2014), o racismo institucional é praticado na sociedade brasileira de maneira a prestigiar as autorias brancas, masculinas, heterossexuais, assim como todas as classes hegemônicas em nosso meio social.

Dessa forma, o grupo coletivo **Ogum's Toques Negros** traz, em sua essência, a quebra do racismo institucional, o qual, por mais que seja evidente a busca pela sua diminuição por meio das políticas públicas, ainda é muito presente em nossa sociedade e em nosso meio literário. O que nos é evidenciado pela valorização e pela preferência aos escritos de autorias brancas, as quais se sobressaem às autorias negras. O coletivo produz um contradiscurso como forma e enfrentamento ao racismo e ao preconceito em todas as suas formas - social, política, cultural, etc., incentivando a afirmação identitária, buscando a valorização das raízes africanas, dando apoio para as enunciações antes silenciadas no campo literário brasileiro.

É importante destacar aqui o apoio não somente ao discurso aos escritores negros no blog, mas também às vozes que se encontram fora do prestígio crítico-social, pois o coletivo além de contribuir para a enunciação de autores negros, para o crescimento e divulgação da literatura afro-brasileira, contribui também para outras questões uma vez que são tratados assuntos como as pautas políticas e sociais, a religiosidade, as relações homoafetivas e o feminino. Isto nos é evidenciado quando nos deparamos com postagens como a publicação intitulada “Eu tenho medo dos naval” em manifesto contra as ações da Marinha pela tomada das terras do Quilombo Rio dos Macacos – Simões Filho na Bahia, em 2012 – de cunho político-social.

**Figura 6:** Post do blog **Ogum's Toques Negros** em contestação a ação da Marinha no Quilombo Rio dos Macacos.



“**Eu tenho medo dos naval.**”

Resposta das crianças do Quilombo Rio dos Macacos à pergunta:  
De que você tem mais medo na vida?

#sejaquilomboriiodosmacacosvctb

Fonte: ogumstoques.wordpress.com – Acesso em 28 de set. de 2015.

Discutir sobre o coletivo **Ogum's Toques Negros** é falar da literatura em rede social, já que a sua grande repercussão (atual) é nesse meio. Em sua página do facebook, o organizador afirma que o coletivo se organiza, a pedido do público, como meio de divulgação da literatura negra em vários espaços virtuais: o blog, a página do facebook, o twitter, e, o canal de vídeos no YouTube.

É necessário justificar o fato de não termos acesso ao novo endereço do site **Ogum's Toques Negros** – tal como foi posto no início da escrita desse tópico – teceremos alguns comentários em torno da página do facebook do coletivo, uma vez que a repercussão do **Ogum's Toques** (enquanto grupo) não ficou restrita à página do blog em 2012. Em alguns momentos faremos um paralelo entre o coletivo no blog e na página do facebook, uma vez que ambos são indissociáveis por se tratarem do mesmo projeto originário (**Ogum's Toques Negros**) e, assim, dos mesmos interesses. No entanto ressaltaremos a importância dessa rede social para a repercussão da literatura negra e dos escritores negros.

**Figura 7:** Página do facebook do grupo coletivo **Ogum's Toques Negros**.



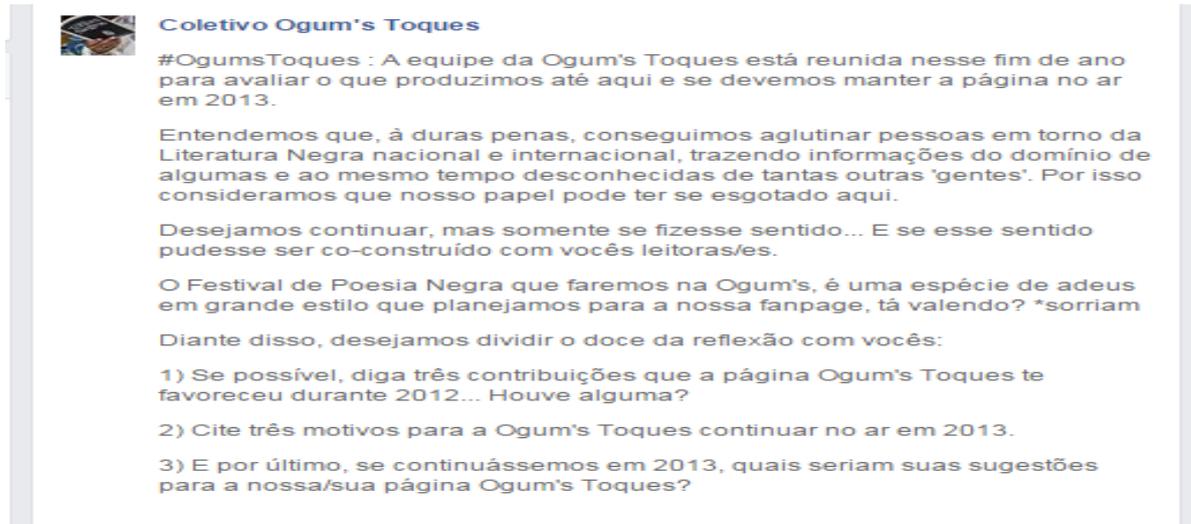
Fonte: [pt-br.facebook.com/ogumstoques](https://pt-br.facebook.com/ogumstoques) – Acesso em 17 de set. de 2015.

A página do facebook do **Ogum's Toques Negros** funciona, da mesma forma que o blog: como plataforma de publicação, de divulgação do conteúdo literário e dos autores negros. Porém, arriscamos afirmar, que a página do facebook aparenta ter tido uma recepção de público maior que a do blog, em virtude dos números de comentários e compartilhamentos nessa página. Talvez, isto ocorra pelo fato de o facebook ter se configurado nos últimos anos como uma das redes sociais com o maior número de usuários, ou pelo fato desta rede proporcionar um meio de interação maior entre um público mais abrangente, composto por autores, estudiosos, leitores leigos para ambas as páginas.

É possível que a abrangência do facebook faça com o que o alcance da assinatura **Ogum's Toques Negros** seja maior, tendo assim uma recepção e uma resposta maior do público seguidor do que aquela que o blog vinha concedendo ao grupo coletivo.

No final de 2013, os organizadores do coletivo fizeram uma espécie de sondagem em torno dos resultados dos trabalhos realizados em 2012, da repercussão dos mesmos e de uma possível desistência da página do facebook, devido às dificuldades de divulgação do conteúdo afrodescendente:

**Figura 8:** Espécie de fórum em torno da continuação da página do facebook.



**Coletivo Ogum's Toques**

#OgumsToques : A equipe da Ogum's Toques está reunida nesse fim de ano para avaliar o que produzimos até aqui e se devemos manter a página no ar em 2013.

Entendemos que, à duras penas, conseguimos aglutinar pessoas em torno da Literatura Negra nacional e internacional, trazendo informações do domínio de algumas e ao mesmo tempo desconhecidas de tantas outras 'gentes'. Por isso consideramos que nosso papel pode ter se esgotado aqui.

Desejamos continuar, mas somente se fizesse sentido... E se esse sentido pudesse ser co-construído com vocês leitoras/es.

O Festival de Poesia Negra que faremos na Ogum's, é uma espécie de adeus em grande estilo que planejamos para a nossa fanpage, tá valendo? \*sorriam

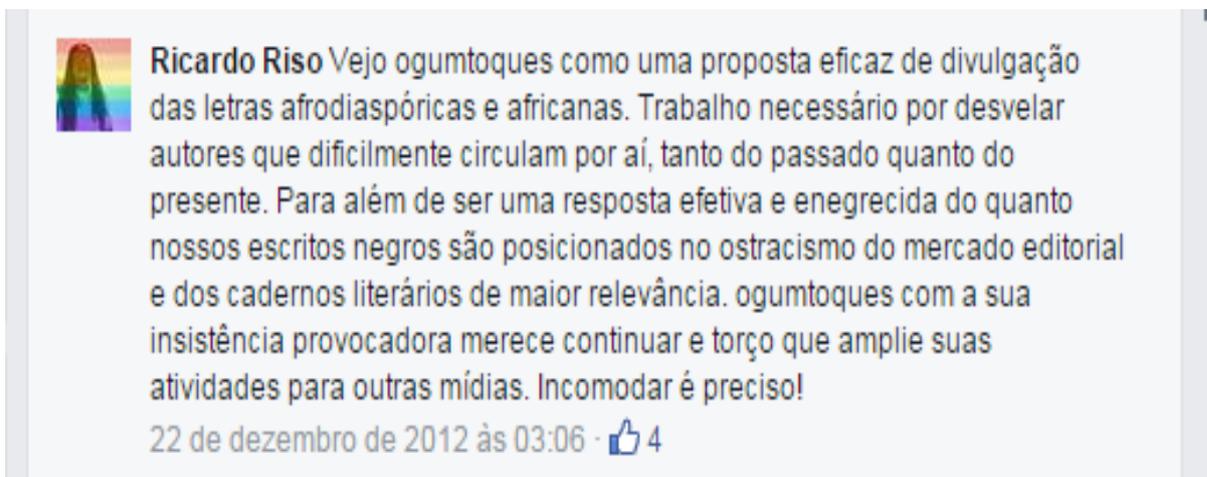
Diante disso, desejamos dividir o doce da reflexão com vocês:

- 1) Se possível, diga três contribuições que a página Ogum's Toques te favoreceu durante 2012... Houve alguma?
- 2) Cite três motivos para a Ogum's Toques continuar no ar em 2013.
- 3) E por último, se continuássemos em 2013, quais seriam suas sugestões para a nossa/sua página Ogum's Toques?

Fonte: pt-br.facebook.com/ogumstoques – Acesso em 17 de set. de 2015.

Em resposta a esta sondagem apresentamos alguns comentários, como o de Ricardo Riso e de Luana Soares, que ressaltaram o mérito do coletivo (em todas as suas formas: blog, página do facebook, etc.) na tão difícil tarefa de divulgação dos autores negros devido à exclusão do mercado editorial e da marginalização canônica da literatura negra, deixando claro a importância do veículo no que diz respeito ao resgate de autorias da “velha guarda” da literatura negra e à visibilidade destes e dos autores mais contemporâneos.

**Figura 9:** Comentário de Ricardo Riso em torno da valorização dos autores negros pelo **Ogum's Toques**.

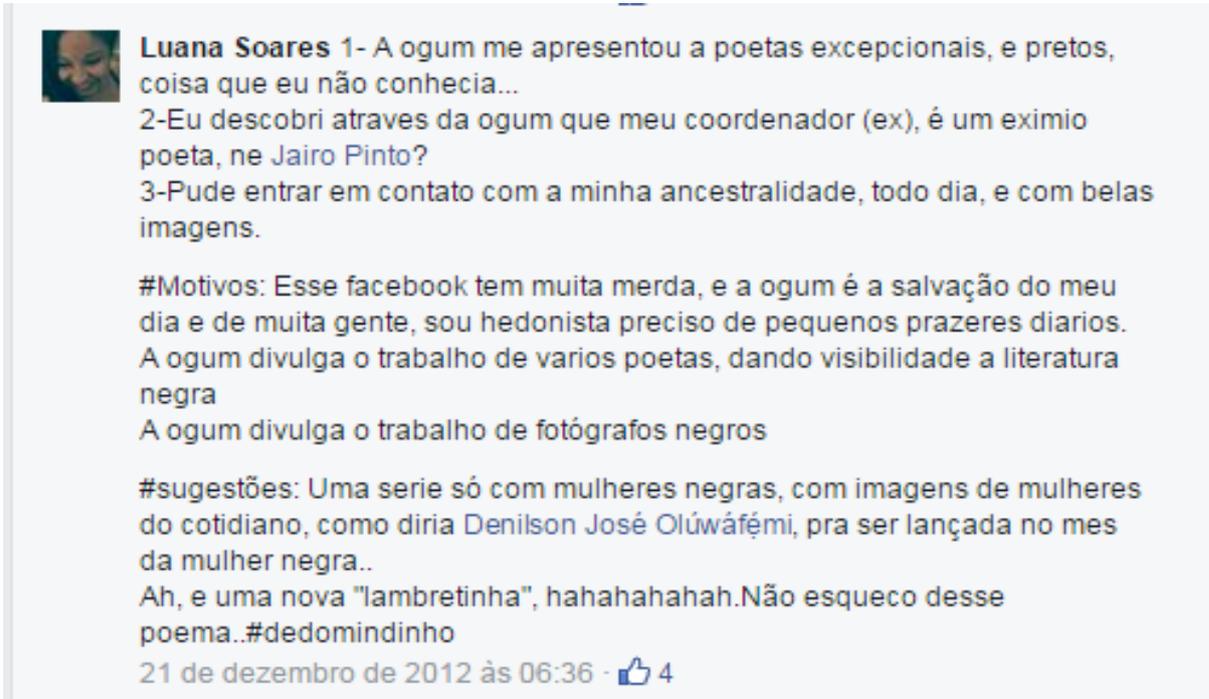


**Ricardo Riso** Vejo ogumtoques como uma proposta eficaz de divulgação das letras afrodiáspóricas e africanas. Trabalho necessário por desvelar autores que dificilmente circulam por aí, tanto do passado quanto do presente. Para além de ser uma resposta efetiva e enegrecida do quanto nossos escritos negros são posicionados no ostracismo do mercado editorial e dos cadernos literários de maior relevância. ogumtoques com a sua insistência provocadora merece continuar e torço que amplie suas atividades para outras mídias. Incomodar é preciso!

22 de dezembro de 2012 às 03:06 ·  4

Fonte: pt-br.facebook.com/ogumstoques – Acesso em 17 de set. de 2015.

**Figura 10:** Comentário de Luana Soares: visibilidade da literatura negra e de autores negros, valorização da ancestralidade, das imagens, dos fotógrafos negros.



Fonte: [pt-br.facebook.com/ogumstoques](https://pt-br.facebook.com/ogumstoques) – Acesso em 17 de set. de 2015.

O comentário de Luana Soares volta-se para além da visibilidade de escritores negros, para a importância das imagens na página do coletivo; não restritas ao facebook, mas que também são elementos que compõem o blog. Adún (2013. p.03) afirma “[entender] que o universo das redes sociais, da internet, é um universo imagético, que prioriza a imagem”. Sendo assim, nota-se a relevância que, o também designer, confere à dinâmica permitida pela junção do uso da imagem e do texto.

Para além da escrita e do uso das imagens nas páginas virtuais do coletivo, o idealizador, busca elementos de identificação com o público, como a valorização da ancestralidade que proporciona ao negro a autoafirmação das suas raízes, a sua identidade ao se deparar com a representação e receptividade que o coletivo proporciona. Nota-se a intenção de valorização do fenótipo do povo negro, além da denúncia às injúrias, à estigmatização, e a discriminação social. Por meio inclusive da sua poética, colabora para a formação de uma nova mentalidade e conscientização, desconstruindo as representações deturpadas do negro ao longo da formação brasileira enquanto sociedade e enquanto literatura.

**Figura 11:** União da palavra à imagem: Valorização da presença de Luís Gama e da ancestralidade em Zumbi.



Fonte: pt-br.facebook.com/ogumstoques – Acesso em 17 de set. de 2015.

Os espaços do grupo coletivo **Ogum's Toques negros** não se restringem somente ao virtual, uma vez que o grupo promove saraus, encontros literários para discussões sobre a literatura afro-brasileira e lançamentos de livros, além de usarem o espaço virtual para divulgação desses encontros presenciais.

**Figura 12:** Divulgação do I Seminário ÁFRICAS & NEGRITUDES: vozes, escritas, epistemes & (est)éticas em multiplicação e II Semana Literária Internacional Ogum's Toques.

Fonte: Fonte: pt-br.facebook.com/ogumstoques – Acesso em 17 de set. de 2015.

Uma das diversas formas tomadas pelo coletivo é a editora baiana Ogum's Toques Negros, que recebeu o nome do blog e em parceria com a Barabô Editora lançou, em 2014, a sua primeira obra intitulada *Ogum's Toques Negros – Coletânea poética*. A coletânea reúne escritores negros brasileiros, alguns conhecidos, como Miriam Alves, Éle Semog e José Carlos Limeira, e outros que começaram a despontar no cenário literário, como o próprio Guellwaar Adúm, Mel Adún, Elizandra Souza e Alex Simões.

**Figura 13:** A coletânea impressa **Ogum's Toques Negros**, 1ª edição.



Fonte: [www.acordabahia.ufba.br/?q=node/163](http://www.acordabahia.ufba.br/?q=node/163) - Acesso em 02 de out. de 2015.

A iniciativa de migrar do molde digital e buscar o formato impresso mostra a importância que o idealizador, Guellwaar Adún, confere a esse formato para a contribuição do crescimento da produção literária afro-brasileira. Em primeiro lugar, colocamos aqui como importância, a de trazer uma credibilidade maior à coletânea, uma vez que, em se tratando do formato virtual, temos que levar em consideração o caráter dinâmico da internet, pois, muitas vezes as páginas se perdem, são desativadas prejudicando o acervo da publicação. Em segundo, ressaltamos a importância do poder do suporte impresso em “perpetuar” aquilo que foi escrito, além dos novos rumos que esse formato pode trazer à literatura afro-brasileira, pois promove os autores que buscam sair do anonimato:

Mesmo com o surgimento de novos suportes midiáticos ao longo dos últimos anos, a importância do livro – em sua tarefa de educar, informar, entreter, documentar, registrar, reunir, mediar, autenticar, interpretar, possibilitar, demonstrar, ilustrar, repertoriar, oferecer, divertir, intrigar, sugerir, resgatar, viajar, (des) localizar, fazer refletir – nunca perdeu força; pelo contrário, esses novos suportes vieram contribuir, fortalecer e modernizar sua atividade e sua função na sociedade (PAIVA *In* RODRIGUES, 2014, p. 5).

É válido considerar e afirmar mais uma vez a procura editorial decorrente do avanço e do crescimento no número dos escritores negros, assim como é válido considerar a falta de editoras voltadas para um público afro, além do predomínio e preferência do discurso branco em nosso meio literário e no próprio mercado editorial. O nascimento de um grupo coletivo preocupado em suprir a necessidade editorial e a demanda literária afrodescendente, seja tomando em formato virtual ou impresso – alternativo ou tradicional - é uma possibilidade de apoio para as produções literárias, para escritores voltados para o público escritor negro, é um passo a mais para a legitimação da literatura negra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura negra é considerada um devir, um processo em construção e transformação (DUARTE, 2008), a começar pela sua nomenclatura, haja vista a polêmica em torno do termo mais adequado para a sua designação: literatura negra, negro brasileira, afro-brasileira, afrodescendente? Sendo difundida no Brasil, por que não literatura brasileira? Talvez como forma de se particularizar ou de excluir, essas possíveis designações mais se assemelha a um “parêntese” para a literatura negra dentro da literatura brasileira.

Para subverter a condição marginalizada imposta pelo poder hegemônico na literatura brasileira foi preciso que o autor negro, se assumisse enquanto sujeito, se posicionasse contra o que Domício Proença Filho (2004) vai chamar de “condição de objeto”. Tal condição era a que permaneceu acerca do negro nos escritos à época da sociedade escravista e abolicionista do século XIX: o negro em uma posição distanciada e estereotipada, ou seja, o negro sob o olhar do branco. Como meio de resistência ao discurso pejorativo, assim como de recusa à submissão hegemônica, escritores negros procuravam utilizar da literatura negra como um contradiscurso à ordem opressora, além de fazer dessa literatura um meio de subversão, de resistência e de autonomia dos seus próprios enunciados.

A necessidade de se construir e afirmar uma identidade fez com que autores negros buscassem, para além do reconhecimento, um espaço próprio de enunciação, revertendo à carga negativa histórica imposta ao negro desde os tempos da escravidão e desconstruindo o que a literatura oficial se preocupou em tornar negativo. Dessa forma, autores como, Solano Trindade e Luís Gama, cientes da necessidade de afirmação da identidade do povo negro, passam a escrever com olhar de “afro-identificação”, valorizando as raízes, a ancestralidade, o fenótipo, a cultura negra.

Essa constante de lutas não ficou restrita ao passado literário, mas permeia até os dias de hoje, pois o preconceito, o caráter hegemônico e excludente da nossa sociedade continua em grande escala em vários âmbitos sociais, inclusive no mercado editorial. E ainda que autores negros, como Luís Gama, Lino Guedes, Abdias do Nascimento, e outros contemporâneos como Geni Guimarães, Conceição Evaristo, Osvaldo de Camargo, entre outros, venham ganhando um certo

reconhecimento em nosso meio literário ao longo dos tempos – através de uma entrada, diga-se de passagem, pelas portas do fundo – a produção afrodescendente ainda sofre os efeitos das dificuldades mercadológicas, das dificuldades de divulgação e da invisibilidade.

Ao longo dos anos 70 e 80 vão surgindo grupos de escritores negros preocupados em afirmar em suas obras, as suas identidades, as marcas culturais afrodescendentes, além da preocupação com o combate ao racismo. Tais escritores passam a se reunir em grupos de militância para incorporar à literatura negra as lutas, as ideologias políticas, estéticas, culturais. Um dos movimentos de grande relevância, aqui no Brasil, é o grupo Quilombhoje (1980) responsável pelas publicações anuais dos **Cadernos Negros**.

Os escritores e poetas negros unidos aos movimentos militantes, pelo fato de não terem as suas obras legitimadas no âmbito literário brasileiro e, por isso mesmo, serem colocados às margens canônicas, tiveram e têm as suas produções publicadas em lugares alternativos. Tal circunstância faz com o que autores alcancem maior viabilidade para a publicação dos seus textos, uma vez que os blogs, as redes sociais, os grupos cooperativos e/ou coletivos tornaram-se circuitos alternativos em relação ao mercado editorial. Esses circuitos funcionam como um meio de dar visibilidade aos autores e eventualmente as suas obras, fazendo com o que a Literatura afro-brasileira seja difundida e, por conseguinte, também venha a ganhar visibilidade em espaços restritos e pouco receptivos a essa literatura.

Acreditamos que os circuitos alternativos sirvam de lugar, de espaço de circulação à produção e à literatura negra. Quando aqui colocamos lugar, nos referimos aos tantos meios “legítimos” para “o expressar” do eu negro, sejam as antologias, os blogs, saraus, revistas, jornais ou tantos outros; sem estranhamento, sem estereótipos, sem preconceito. Legitimar esses espaços é tirar o negro da invisibilidade histórica, literária e social.

## REFERÊNCIAS

ADÚN, Marcus Guellwaar. **Bate-Papo com Guellwaar Adún idealizador do blog Ogum's Toques Negros**. Varal de Notícias. Jornal dos alunos do Mestrado em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB) | Linha 1: Leitura, Literatura e Identidades — Sociologia da Leitura | 8ª edição—Dez. 2013.

\_\_\_\_\_. **Ogum's Toques tem campanha para publicar obras de autores negros**. 2014. Disponível em: <<http://http://mundoafro.atarde.uol.com.br/?paged=2>> Acesso em: 24 de Abr. 2015.

\_\_\_\_\_. IN: RODRIGUES, Danutta. **'Literatura associada ao adjetivo negro incomoda', diz editor de coletivo**. 2014. Disponível em <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2014/11/literatura-associada-ao-adjetivo-negro-incomoda-diz-editor-de-coletivo.html>> Acesso em: 12 de Mar. de 2015.

ALVES, Castro. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Aguillar, 1997, p.280, 283.

ALVES, Miriam. Cadernos Negros (número 1): estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). **Poéticas afro-brasileiras**. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora PUC Minas, 2012, p. 222.

ANTONIO, Fausto. As noções textuais da negrura na série *Cadernos Negros*. In:\_\_\_\_. RIBEIRO, Esmeralda e BARBOSA, Márcio Org. **Cadernos Negros três décadas: ensaio, poemas e contos**. São Paulo: Quilombhoje: Secretária Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2008, p. 81-93.

ASSUMPÇÃO, Carlos de. Linhagem. In: **Cadernos Negros: os melhores poemas** / Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje, 1998, p.31.

BERND, Zilá. **Introdução à Literatura Negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988, p.79, 86, 89, 93.

\_\_\_\_\_. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p.121.

\_\_\_\_\_. O literário e o identitário na literatura afro-brasileira. In: **Revista Língua e literatura**. Frederico Westhalen. V.12, n.18, Dez, 2010. Disponível em: <[http://www.fw.uri.br/publicações/línguaeliteratura/ediçõesphp?cad\\_ed=18](http://www.fw.uri.br/publicações/línguaeliteratura/ediçõesphp?cad_ed=18)>. Acesso em: 29 de Maio de 2012.

CADERNOS NEGROS, volume 35: poemas afro-brasileiros / organizadores Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. – São Paulo: Quilombhoje, 2012.

CAMARGO, O. org. 1986. **A razão da chama**: antologia de poetas negros brasileiros. São Paulo: Edições GRD.

CHAGURI, J.; BERTOLLETI. V.; AZEVEDO. M. **A internet como espaço virtual para o incentivo a literatura**. Sinagel. I Simpósio Nacional de Grupos de pesquisa em Estudos Literários. UEM. 2009, p. 592.

COSTA, Aline. Uma História que Está Apenas Começando. In: QUILOMBOHOJE. **Trinta Anos de Cadernos Negros**. São Paulo: FNC/MC, 2008.

CRUZ E SOUSA, João da, 1861-1898. **Obra Completa**. Organização de Andrade Murici. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 672.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Herança Maldita**. Carta na Escola. Por Tory Oliveira-edição 64. 2012. Disponível em: <<http://www.cartanaescola.com.br/mobile/single/139>> Acesso em: 19 de Jun. de 2014.

\_\_\_\_\_. **Literatura e afro-descendência**. In: Portal Literafro. Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em <<http://www.letas.ufmg.br/literafro/conceituacao.htm>> Acesso em: 12 de Jun. 2014.

\_\_\_\_\_. **Literatura afro-brasileira: um conceito em construção**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 31, p. 11-23, janeiro-junho de 2008.

DUARTE, João Ferreira. **Cânone**. E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia. 2010. Disponível em:<[http://edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=525&Itemid=2](http://edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=525&Itemid=2)> Acesso em: 26 de Jun. de 2014.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira**. In.: PEREIRA, Edimilson de Almeida (org.). Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p.134.

FILHO, Domicio Proença. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estud. Av., São Paulo, v. 18, n. 50, 2004, p.164. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010340142004000100017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142004000100017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 Jan. 2007.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra – os sentidos e as ramificações. In: ASSIS, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (ORG.) **Literatura & Afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Vol. 4. História, teoria, polêmica Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p.266.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica?** In: SOUZA, Florentina, LIMA, Maria Nazareth (Org.) *Literatura afro-brasileira*. Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Afro-Orientais: Fundação Cultural Palmares, 2006, p. 12-13.

GAMA, Luís. **Trovas Burlescas e Escritos em prosa**. Ed. Fernando Góes, São Paulo, Edições Cultura, 1944, p.20.

GONÇALVES, A.; BONNICI, T. **O conceito de resistência em três textos da literatura brasileira à luz da teoria pós-colonial**. In: Acta Sci. Human Soc. Sci. v. 27. Maringá-PR, 2005. Disponível

em:<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/196/144>. Acesso em: 18 de Jun. de 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p.30.

JACOMEL, Mirele C.W. **Relações de poder e a Literatura Brasileira**. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 18, n. 5/6, p. 112, maio/jun. 2008.

JANMOHAMMED, A. **The economy of Manichean allegory: the function of racial difference in colonialist literature**. *Crit. Inq.*, Chicago, v. 12, n. 1, p. 61, 1985.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p.266.

MOREIRA, Marília. **Coletânea de poesias 'Ogum's Toques Negros' é lançada nesta sexta em Salvador**. 2014. Disponível em: <<http://www.bahianoticias.com.br/cultura/noticia/17092-coletanea-de-poesias-039-ogum-039-s-toques-negros-039-e-lancada-nesta-sexta-em-salvador.html>> Acesso em: 23 de Mar. de 2015.

MORICONI, Ítalo. **Circuitos contemporâneos do literário** (Indicações de pesquisa). 2006. Disponível em <<http://www.uff.br/revistagragoata/ojs/index.php/gragoata/article/viewFile/331/332>> Acesso em: 14 de Dez. de 2014.

PEREIRA, Edimilson de A. **Casa da palavra**. Obra poética 3. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

RODRIGUES, B. C. M.; GONCALVES, B. S. **Redes sociais e a auto publicação de livros: potencialidades no campo editorial**. In: 5º Congresso Internacional CBL do Livro Digital, 2014, São Paulo. Redes Sociais e a auto publicação de livros: Potencialidades no campo editorial, 2014.

SALES, C. S. **Leitores e Leituras nos Cadernos Negros**. In: III Encontro de Leitura e Literatura da Uneb-ELLUNEB, 2010, Salvador. Encontro de Leitura e Literatura: leituras e linguagens, textos em movimento. Salvador: Quarteto Editora, 2010. v. 1.

SANTOS, F.; RODRIGUES, E.; FERREIRA, R. **Blogs Literários: Investigações Sobre a Audiência a Partir da Perspectiva dos Usos e Gratificações**. Leitura do Jornalismo. Ano 01. Número 02. Julho-Dezembro de 2014.

SILVA, Marciano Lopes e. **O uso de blogs e chats no ensino de literatura**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 45, n. 2, p. 71-77, abr./jun. 2010.

SILVA, Pedro Henrique. **Ogum's Toques Negros: um novo caminho para a escrita afrodescendente**. 2014. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro>> Acesso em: 05 de Maio de 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 10. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p.75, 81-82.

SILVEIRA, Oliveira. “**Outra negra Fulô**”, in: *Cadernos negros* 11 – poemas. São Paulo : Edição dos Autores, 1988

\_\_\_\_\_. **Cabelos que negros**. In: RIBEIRO, Esmeralda & BARBOSA, Márcio (orgs.). *Cadernos negros: poemas afro-brasileiros*. v. 25. São Paulo: Quilombhoje, 2002. p.134.

SOUZA, Florentina da Silva. Lande Onawale. In: ASSIS, Eduardo de Assis. **Literatura & Afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Vol. 3. Contemporaneidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 439.

SOUZA, L. M. N.. **Juventude Negra, Periferia e Poesia nos Blogues:Alter-Cenas da Novíssima Literatura Baiana Contemporânea**. In: ENECULT, 2011, Salvador. Enecult - Anais, 2011.

TRINDADE, Francisco Solano. **O poeta do povo**. São Paulo: Ediouro, 2008.

\_\_\_\_\_. “**Cantos dos Palmares**”, in: *Cantares do meu Povo*, São Paulo, Fulgor, 1961.

VIEIRA, Antonio. “*Ego Sum*”, In: *Cantares d’Africa*, Rio de janeiro, Gráfica Riex, 1980.